

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**PROFESSORA MARIA DE SOUZA CAMPOS: UM
ESBOÇO BIOGRÁFICO**

Monique Silva Rocha

SÃO CRISTOVÃO

2010

MONIQUE SILVA ROCHA

**PROFESSORA MARIA DE SOUZA CAMPOS: UM
ESBOÇO BIOGRÁFICO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Neide Sobral

SÃO CRISTÓVÃO

2010

MONIQUE SILVA ROCHA

PROFESSORA MARIA DE SOUZA CAMPOS: UM ESBOÇO BIOGRÁFICO

Monografia apresentada na Universidade Federal de Sergipe,
como requisito parcial à obtenção
do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em //.....

Profa. Dra. Maria Neide Sobral

Universidade Federal de Sergipe

Orientadora

Profa. Dra. Annamaria Gonçalves Bueno de Freitas

Universidade Federal de Sergipe

Primeiro avaliador

Prof. MsC. Fábio Alves dos Santos

Universidade Federal de Sergipe

Segundo avaliador

Dedico à
memória de Maria de Souza Campos,
que Deus lhe dê o descanso merecido.

AGRADECIMENTOS

A Deus,
pelos dons a mim dispensados.

Aos meus pais, Luiz e Irene,
pelo muito que fizeram por mim.

A minha avó, Dona Santa,
o pilar da minha vida.

A minha irmã, Monielle
por ter me agüentado, e por ter colocado David em minha vida.

Aos meus familiares, em especial a
tio José, tia Maria, tia Marileide, tia Ana, e minha prima Grayce,
por me impetrarem forças para que eu continuasse.

Aos professores do Departamento de Educação da UFS,
por me enriquecerem com seu saber.

Agradeço especialmente às professoras
Maria José Dantas, Jussara Silveira, Maria Jose Soares, Verônica Mariano e Marizete Lucini,
por se preocuparem comigo para além da vida acadêmica.

Agradeço de forma particular à professora Maria Neide Sobral,
por ter sido tão paciente ao me orientar, me guiando durante todo o trabalho.

Aos meus companheiros de vida acadêmica,
que dividiram comigo as alegrias e angústias da Universidade.

Agradeço imensamente a gentileza de todas as pessoas que, através de relatos e materiais disponibilizados, colaboraram para a elaboração desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar a história de vida da professora Maria de Souza Campos e sua atuação no cenário educacional da cidade de Japaratuba – SE, se propondo a investigar aspectos da configuração da sua profissão docente na referida cidade. A principal motivação para a efetivação dessa pesquisa surgiu pelo fato de que tive a oportunidade de presenciar o trabalho dessa professora. Busca-se aqui responder à seguinte questão: quais as influências e contribuições educacionais e culturais da professora Maria de Souza Campos na cidade de Japaratuba durante a sua atuação no magistério, período de 1936 à 2007? Trata-se de uma pesquisa biográfica, sendo esse estudo relevante para se compreender a contribuição dessa professora na comunidade em que atuou e a importância incontestável da presença feminina na História da Educação. As fontes do trabalho são as memórias dessa professora, que se encontram ainda guardadas sob forma de registros pessoais, em sua residência, procurou-se também discursos de contemporâneos, ex-professores e ex-alunos da pesquisada para construir a sua história de vida. A coleta de dados se dá através da análise dos escritos e documentos autobiográficos. Tal estudo tem como aporte teórico para análise os pressupostos da Nova História Cultural, entendida como um trabalho cuja natureza visa valorizar as histórias de indivíduos anônimos, mas que mudaram o meio no qual estava inserido.

Contribuição. História de vida. Maria de Souza Campos. Memória. Professora.

LISTA DE ENTREVISTADOS

ANDRADE, Regina da Silva	39, 58
CAMPOS, José Souza	24, 27
JESUS, Maria Santana	26
MATOS, João Vieira	34, 36
RAMOS, Geosmária	42,43
RAMOS, Jeorge da Cruz	37
RAMOS, Jorge Marcelo	41
SANTO, José Plínio do Espírito	51
SANTO, Maria Norma do Espírito	37
SANTOS, Gilberto	41
SANTOS, José dos	50
SANTOS, Maria Pereira	31, 49
SANTOS, Maria Rosália Silva	28, 29, 51
SILVA, Marcos Antônio da	47
SILVA, Maria Irene	44
SILVA, Maria José	51
VASCONCELOS, Maria Carmélia Santos	39, 45

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01: Fachada da residência da família da professora Maria de Souza Campos na cidade de Capela – SE	24
IMAGEM 02: Foto de Francisco da Rocha, esposo da professora Maria de Souza Campos, Japaratuba – SE	25
IMAGEM 03: Fachada da Residência da professora Maria de Souza Campos, Japaratuba – SE	26
IMAGEM 04: Fachada do Grupo Escolar Coelho e Campos, Capela – SE.....	27
IMAGEM 05: Foto do quarto onde a professora “Dona” ministrava aulas, Japaratuba – SE..	28
IMAGEM 06: Banco pertencente à mobília do quarto onde a professora Maria de Souza Campos ministrava as aulas.....	28
IMAGEM 07: Foto tirada no educandário Santa Terezinha. Japaratuba – SE.....	29
IMAGEM 08: Relação dos alunos aprovados para o Ginásial no ano de 1973.....	30
IMAGEM 09: Placa de Inauguração do Grupo Escolar Marechal Ademar de Queiroz, Japaratuba – SE.....	32
IMAGEM 10: Fachada Original do antigo Grupo escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz, Japaratuba – SE.....	32
IMAGEM 11: Foto tirada no dia da Formatura do magistério na cidade de Capela.....	33
IMAGEM 12: Foto do senhor João Vieira matos, ex-aluno da Professora Maria de Souza Campos, Capela – SE.....	34
IMAGEM 13: Poema copiado pelo Senhor João Vieira, Capela – SE.....	35
IMAGEM 14- Palmatória utilizada por Dona na década de 70.....	38
IMAGEM 15: Coleção de régua e palmatória encontradas na residência da professora Maria de Souza Campos. Japaratuba – SE.....	38
IMAGEM 16: Capa de livros utilizados pela professora Maria de Souza Campos na alfabetização de jovens e adultos do Educandário Santa Terezinha. Japaratuba – SE.....	39
IMAGEM 17: Anotações feitas pela professora Maria de Souza campos referentes a atividades a serem desenvolvidas junto aos alunos no ano de 1995.....	40

IMAGEM 18: Desfile cívico, 7 de setembro de 1986. Japarutuba – SE.....	42
IMAGEM 19: Organização do ofertório para a missa das crianças no ano de 1998.....	43
IMAGEM 20: Recorte de anotação feita por Maria de Souza Campos, com os nomes das alunas que iriam apresentar na missa de Natal do ano de 2001.....	44
IMAGEM 21: Encenação de uma peça teatral apresentada no grupo Escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz, década de 1990, Japarutuba – SE.....	45
IMAGEM 22: Comemoração ao Dia do Circo, Grupo Escolar Municipal marechal Ademar de Queiroz, década de 90, Japarutuba - SE.....	46
IMAGEM 23: Apresentação do Maracatu na Festa de Santos Reis, no ano de 1985. Japarutuba – SE.....	46
IMAGEM 24: Foto da quadrilha Junina chuva de Prata durante apresentação alusiva aos festejos juninos da cidade de Japarutuba no ano de 2005.....	47
IMAGEM 25: Peça escrita pela professora Maria de Souza Campos, para apresentar na quadrilha junina Chuva de Prata.....	48
IMAGEM 26: Procissão da Sexta Feira da Paixão na cidade de Japarutuba, 1987.....	50
IMAGEM 27: Altar-mor da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, Japarutuba – SE.....	51
IMAGEM 28: Coral Imaculada Conceição, 1971. Japarutuba – SE.....	52
IMAGEM 29: Placa de agradecimentos aos serviços prestados pelo Grupo Escolar Marechal Ademar de Querioz, ano de 1988. Japarutuba – SE.....	53
IMAGEM 30: Placa de homenagem prestada pelas professoras do Grupo Escolar Municipal marechal Ademar de Queiroz, ano de 1996.....	53
IMAGEM 31: Placa de homenagem, 1999, Japarutuba – SE.....	54
IMAGEM 32: Placa de homenagem feita pela comunidade de Japarutuba, 2001.....	54
IMAGEM 33: Placa de Homenagem pelo título de Mulher Educadora 2002, dada pela Associação Cristã Feminina de Aracaju. Aracaju – SE.....	55
IMAGEM 34: Placa de Homenagem no 7º Festival de Poesia Falada, Japarutuba – SE.....	55
IMAGEM 35: Placa de homenagem pelo prêmio Zé Candunga, dado pela prefeitura Municipal Laranjeiras, 2005.....	56
IMAGEM 36: Placa dada pela Prefeitura Municipal de Japarutuba, 2005.....	56
IMAGEM 37: Placa dada pelos alunos do Colégio Estadual Jackson de Figueiredo da cidade de Aracaju – Se.....	57

IMAGEM 38: Placa dada pela Prefeitura Municipal de Japaratuba, 2006.....	57
IMAGEM 39: Foto de homenagem póstuma prestada à professora Maria de Souza campos no dia do seu sepultamento, 21 de março de 2007. Japaratuba – Se.....	58
IMAGEM 40: Matéria publicada no jornal Tribuna do Vale, noticiando o falecimento da professora Maria de Souza Campos. 2007. Japaratuba – SE.....	59
IMAGEM 41: Capa do livreto distribuído no 11º festival de Poesia Falada da cidade de Japaratuba – SE.....	60
IMAGEM 42: Acróstico apresentado no 11º festival de Poesia Falada da cidade de Japaratuba – SE.....	60
IMAGEM 43: Capa do 1º número do boletim informativo BIMA. 2007. Japaratuba-SE.....	61
IMAGEM 44: Condições atuais das vestimentas utilizadas pelos componentes do grupo folclórico Maracatu. Japaratuba – SE.....	62
IMAGEM 45: Condições atuais de alguns livros didáticos utilizados pela professora Maria de Souza Campos.....	62
IMAGEM 46: Contra-capa do folheto do 11º festival de Poesia Falada da cidade de Japaratuba – SE.....	63

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo I	
Abordagens acerca da construção biográfica de história de mulheres.....	15
Capítulo II	
História de vida da professora Maria de Souza Campos	23
Formação escolar e ingresso no magistério	26
Práticas pedagógicas durante o exercício da docência	34
Quanto à educação cívica	40
Quanto ao ensino religioso	42
Professora “Dona” e o incentivo à cultura dentro do ambiente escolar	45
Capítulo III	
A Professora Maria De Souza Campos no contexto social da cidade de Japaratuba	49
Homenagens à professora	52
Homenagens póstumas	58
Considerações finais	64
Referências bibliográficas	66
ANEXOS	68

INTRODUÇÃO

Quando nos propomos a mostrar a história de uma mulher com base em memórias deixadas por ela, seja através de fontes documentais e/ou de relatos orais, estamos trilhando um caminho importante para a compreensão do papel que assumiu no cenário cultural e educacional que ocupou. Nossa aproximação com a personagem Maria de Souza Campos, conhecida como professora “Dona”, nos permitiu verificar o quanto ela interferiu e produziu para a história da educação e da cultura da cidade Japaratuba¹, por mais de três décadas.

Adotamos aqui como matriz historiográfica a História Cultural, cuja preocupação é dada por essa abordagem aos anônimos que compõem a história, mostrando o significado de suas ações, dantes voltada para os grandes homens e os grandes feitos (BURKE, 2005). Os estudos biográficos, dentro dessa perspectiva, têm crescido entre os pesquisadores preocupados em mostrar a significação histórica de uma vida. Segundo postula Le Goff (1996), introduzir o gênero biográfico no âmbito da história atual representa algo adicional e vantajoso usado pela história cultural, se constituindo em uma maneira “de continuar a fazer história por outros meios”, a exemplo dos estudos que este autor realizou sobre São Luiz.

Atualmente, a história das mulheres vem constituindo um campo de estudo privilegiado, que vem sendo explorado de forma cautelosa, prestando atenção aos mais remotos vestígios, para dar voz a essas personagens (SCOTT, 1992). Registrar a história feminina no campo educacional tem sido alvo de muitos estudiosos, no entanto, esses trabalhos ainda encontram-se reduzidos. Uma grande dificuldade se dá devido à falta de legado e informações deixados por tais mulheres.

Diante das pesquisas acerca de biografias que foram desenvolvidas no país, a exemplo do trabalho de Badaró (2000), ficou claro que uma grande parte dos estudos que tratam da figura masculina possui um vasto acervo de registros em forma de documentos e demais fontes, enquanto que acerca das práticas femininas, os estudos sempre apontam para a dificuldade de reconstruir vestígios deixados por tais personagens. Muito do que os

¹ Cidade localizada no sentido leste de Sergipe, pela BR-101, a 54 quilômetros da capital Aracaju.

pesquisadores vêm criando das experiências e histórias da figura feminina na educação têm sido obtidas através de materiais que foram preservados na intimidade dos seus lares.

Portanto, construir história de vida de indivíduos, principalmente se tratando de mulheres, não se constitui em uma tarefa de fácil realização. Retomar o trajeto de mulheres que atuaram no magistério representa algo importante para a História da Educação, uma vez que esta profissão é predominantemente feminina nos níveis de ensino fundamental primário. Diante disso, é necessário tornar conhecidas as professoras que se encarregaram da educação de uma época, superando dificuldades.

A história de Maria de Souza Campos foi objeto do presente trabalho, visto que nossa principal motivação para a realização desta biografia surgiu quando tivemos a oportunidade de vivenciar o seu trabalho frente à educação na cidade de Japaratuba. O interesse em pesquisar o perfil biográfico da professora também nos foi mobilizado por acreditar e reconhecer que não é possível escrever a história da educação na referida cidade, sem falar na professora em questão.

Com esse estudo, objetivamos escrever sobre a história pessoal da professora Maria de Souza Campos, investigando aspectos de vida dentro do processo de configuração da profissão docente em Japaratuba. Sendo que, o marco temporal dessa pesquisa foi delimitado a partir da história de vida da professora, tendo como enfoque central a sua formação familiar e profissional, prestando especial atenção, ao ingresso na carreira do magistério, às práticas pedagógicas desenvolvidas e as contribuições deixadas na efetivação da profissão e para a cultura local.

Acreditamos que, mesmo com políticas nacionais implantadas na cidade, a história da professora deixou marcas que influenciaram até os dias atuais a educação na cidade de Japaratuba. Importante salientar que essas influências não se restringiram somente ao campo educacional, uma vez que encontramos registros dessa professora principalmente nas expressões culturais da cidade. Buscou-se então aqui responder à seguinte questão: quais as influências e contribuições educacionais e culturais da professora Maria de Souza Campos na cidade de Japaratuba durante a sua atuação no magistério, período de 1936 à 2007?

Dessa forma, apresentamos aspectos gerais sobre a atuação da professora no Grupo Escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz, tanto como docente quanto como diretora da referida instituição, destacando a importância dela no campo educacional, e, acima de tudo,

oferecendo algumas referências para uma reflexão maior acerca do papel feminino na sociedade em que atuava, subsidiando aspectos relacionados à significativa participação da mulher como professora.

Esse estudo se fez importante para trazer à tona a história de vida da professora Maria de Souza Campos, contribuindo, sobretudo para a compreensão de uma personagem singular na história da cidade de Japarutuba, e da Educação em Sergipe.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, prestamos atenção aos vestígios deixados por essa professora, em seu acervo pessoal disponibilizado pela família. Partimos do pressuposto de que era possível reconstruir, através da utilização da memória enquanto fonte de informações para a história, aparentemente fragmentária, de um indivíduo, sendo levado a trilhar um novo horizonte de sentido e compreensão de fatos ocultados ou silenciados pelas ações desenvolvidas por Maria de Souza Campos na cidade de Japarutuba.

Utilizamos como base a pesquisa documental, de natureza exploratória, por ter sido considerada uma fonte rica e estável de dados. O delineamento adotado foi o estudo de caso, sendo este encarado como mais adequado para uma investigação biográfica.

A etapa para coleta de dados se deu através de análises de documentos encontrados no acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos, e estes foram usados e também utilizamos fontes iconográficas para apoiar as informações obtidas.

Como se pesquisa a vida de um indivíduo? Por intermédio das “vozes” que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registrados, ou seja, por meio das chamadas fontes documentais. Como “sem documentos não há história”, os vestígios que encontramos em boa medida condicionam nossa ambição de investigação (BORGES, 2006, p. 212).

A entrevista também foi utilizada, uma vez que, a interação estabelecida entre o entrevistado e o entrevistador permitiu colher diversas informações, além de aprofundar os dados fornecidos em forma de documentos. O tipo de entrevista adotado foi o da não estruturada (ou não diretiva) que consiste, com base em Chizzotti (2005, p. 92), em colher informações baseadas no discurso livre do entrevistado. Esse tipo de entrevista permitiu o aprofundamento da fala do outro para o desenvolvimento da pesquisa. Como nos diz Sobral (2006, p. 42) “a opção pela história oral, possibilidade concreta do campo historiográfico,

permite ouvir pessoas que não fazem parte da história dominante, recuperando-se vozes nem sempre ouvidas nos discursos oficiais, os considerados “legítimos”.

Com essa pesquisa, onde se objetivou investigar a vida de um indivíduo, foi possível adentrar numa dimensão mais ampla, devendo levar em consideração não só o que estava posto em fontes escritas, mas partir para outras fontes, por isso que buscamos também as fontes orais, com relatos que se instituíssem em torno das ações desenvolvidas pela professora em questão.

A partir das transcrições das entrevistas e após o levantamento das informações necessárias, foram feitas as análises dos dados, fazendo a interpretação das informações obtidas. Acreditamos que os documentos e depoimentos propiciaram a construção de uma biografia da professora Maria de Souza Campos, contribuindo para o entendimento do seu papel no cenário educacional e cultural de Japaratuba.

No primeiro capítulo procuramos fazer uma abordagem teórica sobre a importância dos trabalhos biográficos para a História da educação, fazendo referência à História Cultural, ao uso da memória, e a evolução das pesquisas acerca das mulheres.

No segundo capítulo, escrevemos sobre a História de vida da professora Maria de Souza Campos, abordando questões tais como a formação escolar e o início do exercício da docência, suas práticas pedagógicas.

Já no último capítulo, destacamos algumas ações da professora no campo da cultura local, assinalando também, as homenagens recebidas e a emergência de uma necessidade em preservar sua memória para História.

Como considerações finais, a partir dos relatos de contemporâneos, colegas de profissão e ex-alunos, destacamos a importância e as contribuições da professora no contexto social da cidade de Japaratuba.

E, por fim, como anexos, apresentamos a transcrição de algumas das entrevistas que foram utilizadas para a efetivação do trabalho aqui apresentado.

Capítulo I

ABORDAGENS ACERCA DA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE HISTÓRIA DE MULHERES

**A memória, à qual a história chega,
que por sua vez a alimenta,
procura salvar o passado
apenas para servir o presente e o futuro.
(Jacques Le Goff)**

Realizar uma investigação acerca da história de mulheres que aparecem como educadoras com identidades anônimas nos levou a buscar a compreensão da atmosfera vivenciada por elas. Fomos também instigados a pensar no modelo experienciado no tocante à educação, resgatando as competências que lhes foram exigidas, para entender como conseguiram definir seus espaços de atuação, se tornando dignas de serem lembradas como símbolos representativos da educação de uma determinada época e cenário.

Fez-se necessário aqui, compreender de início o que chamamos de “memória”, uma vez que, ao nos propormos a traçar a história de indivíduos somos conseqüentemente, estimulados a habitar um mundo de memórias deixadas por estes, de forma a compreender as suas práticas. Dessa forma, “a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração história” (LE GOFF, 1996, p. 49), devendo assim ser encarada como ferramenta auxiliar no processo de construção de determinado fato.

Ao fazer uso da memória enquanto objeto para a apreensão da história, tratamo-la como uma particularidade capaz de preservar informações necessárias à construção de identidades singulares, pois, ela representou uma espécie de reserva das experiências adquiridas. Nesse sentido, adotamos aqui a idéia de que a pesquisa acerca da vida de um determinado indivíduo se realiza

por intermédio das “vozes” que nos chegam do passado, dos fragmentos da sua existência que ficaram registrados [...]. Como “sem documentos não há história”, os vestígios que encontramos em boa medida condicionam nossa ambição de investigação. (PINSKY, 2006, p. 212).

Através da análise das memórias deixadas por esses protagonistas somos levados a um ambiente de constituição de uma identidade singular, uma vez que “a memória é composta por representações construídas nas relações do indivíduo com a natureza e o social” (MORI, 1998, p. 17). Dito isso, quando usamos a memória para construir a trajetória de um indivíduo, somos levados a conhecer tanto os seus aspectos particulares quanto os da sociedade.

Trabalhar com memórias tornou-se algo instigante à medida que as lembranças vão sendo resgatadas, sob a forma de reconstrução das práticas vivenciadas, dessa forma, ao propor um estudo biográfico acerca de indivíduos que se dedicaram ao magistério, sempre se busca tentar restabelecer a compreensão das suas histórias, do que foi, na prática, vivenciado. Segundo Mori (1998, p.25) “o trabalho com memórias exige ver o fato sob a ótica dos indivíduos e, ao mesmo tempo, encontra neles o entrelaçamento de acontecimentos e influências que marcaram a sua época”.

A história de vida de um indivíduo pode nos dizer muito a respeito da vida dos homens, uma vez que constitui os sentidos que utilizamos para interpretar a sociedade. Durante a sua vida, os homens produzem vestígios, deixando registros de sua experiência sob forma de memória, isso talvez se deva ao fato de que haja no homem, a necessidade de deixar traços de sua existência.

Como postulou Le Goff (1984), a memória deve evocar todas as formas de representações do homem, seus vestígios culturais, educacionais e sociais. A memória é o que torna legítima as tradições e faz com que se constitua a História, tanto pelo culto público quanto pelo armazenamento de informações no tempo, a riqueza de arquivos, dos documentos e das práticas que fazem compreender as relações de desenvolvimento das sociedades. Dito isso, Le Goff ainda irá reportar-se à memória como sendo um elemento essencial indicador da identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades atuais. Esse autor também ressalta que o estudo biográfico possibilita um complemento indispensável à análise das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos.

Um lado subjetivo do ser humano há algum tempo vem obtendo um lugar especial na área da pesquisa se trata do desejo de contar histórias, de dar depoimentos sobre a vida, de relembrar o passado. Conforme Bosi (1983, p. 11)

o passado conversa-se e, além de conversar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituíram autênticas ressurreições do passado.

Atualmente, estamos presenciando uma fase em que trabalhos que tratam de histórias de vida ganham destaque entre os estudiosos que se propõem a analisar indivíduos e seus comportamentos considerando vestígios deixados por estes sob forma de experiências vividas em suas diversas formas.

Embora esse seja um campo bastante fecundo, não significa que escrever um texto biográfico se constitua em uma tarefa simples, uma vez que, como as publicações biográficas tem sido abundantes há alguns anos, “pode-se pensar que se trata de um exercício fácil, no qual é suficiente estar documentado, o que é geralmente possível, e ter um certo talento para escrever” (LE GOFF, 1996, p. 20). No entanto, reconstruir a história de um indivíduo é um exercício que exige dedicação devido à complexidade da construção de uma identidade.

O conhecimento histórico é assim inscrito em um paradigma do saber que não é o das leis matematizáveis, tampouco apenas o das narrativas verossímeis. A trama deve ser entendida como uma operação do conhecimento que estabelece como central a possível inteligibilidade do fenômeno histórico, em sua realidade apagada, a partir do cruzamento de seus traços acessíveis. (CHARTIER, 2002, p. 236).

Cabe ao pesquisador ter seu papel centrado na construção desse conhecimento histórico, atribuindo grande importância, pois ele será o responsável por construir um conhecimento que chegue o mais perto possível da verdade. E se esse compromisso não for

assumido por parte do pesquisador, corre-se o risco de serem construídas falsificações, ferindo a memória do biografado. Como nos diz Bourdieu (1996, p. 37)

[...] Entender uma vida como uma série única e plena de eventos sucessivos sem outro vínculo com a associação de um “sujeito” do qual a constância é sem dúvida aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo como experimentar fazer um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações [...].

Voltando o nosso olhar para o campo da História dos indivíduos, percebe-se que, durante muito tempo a história foi marcada por espaços onde os homens desempenhavam seu poder, e as mulheres eram excluídas, restando a elas somente cuidar do seio familiar. No início do século XX, as mulheres foram ingressando os espaços de trabalho, conquistando aos poucos uma posição ativa na sociedade. Nesse período também iniciaram, mais fortemente, as discussões acerca da História de vida de mulheres.

Nas últimas décadas, a História vem voltando o seu olhar para os grupos sociais, até então excluídos, e foi nesse contexto que os estudos sobre as mulheres ganharam destaque. O desenvolvimento de novos campos, a exemplo da História Cultural, aparecem para reforçar a abordagem do feminino. Mais precisamente a partir da década de 1960, segundo Soihet (1997, p. 276)

correntes revisionárias marxistas, engajadas no movimento da história social, apresentam uma postura diversa ao assumirem como objeto de estudo os grupos ultrapassados pela história, as massas populares sem um nível significativo de organização, e, também, as mulheres do povo.

Outro fator que veio a contribuir para a difusão da história das mulheres foi o movimento feminista. Sobre esse ponto, é dito por Del Priore (2005, p. 217) “um dos primeiros objetivos do movimento consistia em apreender o passado legítimo das mulheres, introduzindo-as, definitivamente na história”. Esse movimento impulsionou ainda mais a perspectiva de inserir efetivamente a mulher no contexto social atuando de forma visível e memorável.

Fundada, pois, na constatação da negação e do esquecimento, a história da mulher emergiu e ganhou musculatura a partir de 1970, atrelada à explosão do feminino, articulada ao florescimento da antropologia e da história das mentalidades bem como às novas aquisições da história social e às pesquisas, até então inéditas, sobre a memória popular (DEL PRIORE, 2005, p. 220).

Nos tempos atuais, a História das mulheres constitui um campo de estudo muito privilegiado, no entanto, as mulheres, enquanto profissionais do ensino, têm sido relegadas constantemente ao esquecimento.

Conhecer histórias de outras épocas, viajar entre práticas e documentos, adentrara vida das professoras de outros tempos, supõe, entre outras exigências, sensibilidade e rigor teórico. Em nosso país, as pesquisas que têm erigido a professora como objeto de estudo constituem raridade. (FISCHER, 2004, p. 533).

Uma grande dificuldade em registrar a história feminina no campo educacional que ocasiona na redução dos estudos nessa área se dá devido à falta de legado e informação deixados por tais mulheres. Afirmando e completando essa idéia Del Priore (2005, p. 234) irá postular que

na historiografia sobre a mulher, certos problemas são, contudo, bastante visíveis. O primeiro deles diz respeito aos documentos comumente utilizados. Trata-se de documentos fragmentários [...]. A informação documental disponível é pouca, para os primeiros séculos da colonização, tornando-se caudalosa a produção de fontes impressas a partir da segunda metade do século XIX até dos dias de hoje. Outro problema é que faltam historiadores, homens e mulheres, que interpretem com maior frequência o estabelecimento, a gênese e a importância dos fatos históricos que envolvem as mulheres, como falta um maior número de pesquisas regionais ou sínteses, que nos permitam resgatá-las de regiões do país onde o tema ainda não despertou vocações.

Sobre a importância das biografias para o campo da História da Educação, Bastos & Colla (2004, p. 469)

as biografias dos mestres [...] apresentam um farto e significativo material para a história da educação, por destacar aspectos da vida familiar, da trajetória escolar e profissional, excertos de trabalhos, fotografias, possibilitando ao pesquisador identificar dados do sistema de ensino, do cotidiano escolar, trajetórias escolares e profissionais dos retratados, excertos de produção intelectual, publicações, práticas didáticas, a história das escolas em que atuaram. Também permite analisar o universo discursivo do professor biografado, tanto no que é salientado como relevante no perfil do ser professor, como no que é omitido para a constituição do imaginário docente, configurado numa em um determinado regime de verdade.

Recentemente, muitas pesquisas estão sendo desenvolvidas, se dedicando a destacar essa visível importância das biografias para a área de História da Educação, dentre esses estudos, vale citar o apresentado por Nunes que almeja rever a trajetória vida e obra de Anísio Teixeira, e ao realizar as pesquisas concluiu que “Anísio não se tornou educador por acaso. Sua opção pela educação não foi um mero fato, mas uma construção gradativa e extremamente elaborada (2000, p. 552).”

Se tratando de estudos biográficos sobre figuras femininas referentes à profissão docente, no âmbito nacional, se observa a crescente produção de estudos dessa natureza, podendo aqui serem citadas as obras de Almeida (1998) e a de Pina (s.d.). Já se tratando de trabalhos biográficos produzidos em Sergipe sobre intelectuais da educação, existem pesquisas que foram concluídas neste campo de estudo, a exemplo dos trabalhos de Santos (1999), Freitas (2003), e Sobral (2004),

No Núcleo de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (NPGED/UFS) foi apenas possível localizar dois estudos referentes à abordagem biográfica de mulheres e sua relação com a História da Educação. No primeiro trabalho, Santos (2006) se propôs a investigar o processo de formação, profissionalização e o celibato pedagógico feminino na sociedade sergipana por meio da trajetória de Leonor Telles de Menezes, nas primeiras décadas do século XX. E o segundo trabalho foi o de Almeida (2009), esta

objetivou investigar por meio do estudo biográfico a trajetória docente e atuação profissional da intelectual sergipana Leyda Regis (1904-1999).

Foram encontradas inúmeras produções biográficas no NPGED/UFS, no entanto, tais estudos focam a história de vida de personalidades masculinas, valendo aqui ressaltar o trabalho de Amorim (2006) que teve por objetivo desvendar os percursos de formação, aspectos do exercício de magistério no ensino secundário público e privado, e a memória construída em torno do professor investigado.

Diante das pesquisas que foram desenvolvidas, ficou claro que uma grande parte dos estudos que tratam da figura masculina possuem um vasto acervo de registros em forma de documentos, enquanto que acerca das práticas femininas, os estudos sempre apontam para a dificuldade de resgatar vestígios deixados por tais personagens. Muito do que os pesquisadores vêm recuperando das experiências e trajetórias da figura feminina na educação, tem sido obtido através de materiais que foram preservados na intimidade dos lares, dentre estes trabalhos, vale ressaltar o livro apresentado por Freitas (2003).

Portanto, construir trajetórias de indivíduos, principalmente se tratando de mulheres, não se constitui em uma tarefa de fácil realização. Embora haja um aumento significativo nas pesquisas realizadas nessa área de estudo, ainda continua sendo escassa a historiografia em relação aos estudos sobre as mulheres que atuam no cenário educacional. A exemplo disso temos a constatação de Freitas (2004, p. 14), que durante a sua pesquisa rumo a obtenção de fontes a respeito da Dra. Laura Amazonas, afirmou que

apesar da diversidade das atividades desenvolvidas pela Dra. Laura Amazonas ao longo de sua trajetória e de sua importância para a sociedade local, seu nome não é referenciado pelas publicações que se preocuparam em registrar perfis de sergipanos ilustres.

Retomar a história de mulheres que atuaram no magistério representa algo importante para a História da Educação, uma vez que tal profissão é predominantemente feminina, pois, a marcante presença das mulheres no cenário educacional “foi um potencial de poder e libertação e não de submissão e desvalorização como se tem pretendido acreditar” (ALMEIDA, 1998, p. 77). Diante disso é necessário tornar conhecidas as professoras que se encarregaram da educação de uma época, superando as dificuldades existentes.

Pode-se dizer que, “a biografia , é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu” (BORGES, 2006, p. 215). Nesse sentido, o presente estudo se propôs a apresentar memórias a respeito de uma professora que transformou a sua realidade. Através da escrita de recortes da história de vida dessa mulher, fomos levados a conhecer as experiências de vida, os processos de formação, a participação na sociedade, bem as práticas e atividades desenvolvidas por meio de documentos e discursos orais, realizando um trabalho de articulação entre as fontes selecionadas para a elaboração de um resultado capaz de preservar a identidade da professora Maria de Souza Campos, reavivando as suas lembranças, através do trabalho com memórias.

Capítulo II

HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA MARIA DE SOUZA CAMPOS

**Pequenos grãos de areia
juntam-se até formar
uma montanha
(Provérbio japonês)**

Num estudo biográfico, é importante o papel desempenhado pela cronologia na interpretação dos dados, e conseqüentemente, na construção narrativa, uma vez que “existe a necessidade da compreensão dos fatos não somente daquele que a escreve, mas também daqueles que irão fazer a leitura da mesma” (AMORIM, 2009, p. 128). Nesse sentido, o estudo do contexto familiar, na reconstrução da história de vida de um indivíduo, se torna algo necessário e indispensável, além de ser importante também considerar a sociedade na qual esse indivíduo estava inserido.

Maria de Souza Campos nasceu na cidade de Capela, estado de Sergipe, no dia 03 de julho de 1919, na residência dos seus pais. Nessa época, este município era considerado uma potencialidade econômica, social e política

Em suas terras de massapé amarelo e nas várzeas do rio Japarutuba com seus afluentes, formadores da bacia hídrica que toma o nome do rio principal, contava Capela cento e dez engenhos de açúcar bruto. Com essa pujante base econômica, não é de surpreender que fosse um núcleo de marcante influência social e política em todo o Estado de Sergipe (DANTAS, 1980, p. 94).

Ela era de origem simples, filha do pedreiro Aurélio de Souza Campos e da bordadeira Maria José de Souza Campos. Maria de Souza Campos cresceu morando numa residência localizada na Rua São Pedro, nº 565, em meio a uma comunidade composta por lavradores e pequenos roceiros, tendo uma vida tranqüila em meio à população humilde da região, junto a

seus pais e seus irmãos: Paulo Souza Campos (*in memorian*), Pedro Souza Campos (*in memorian*), Raimundo Souza Campos (*in memorian*), José Souza Campos, Valmir Souza Campos (*in memorian*), Teresinha de Souza Campos (*in memorian*) e Aline de Souza Campos (*in memorian*).

IMAGEM 01: Fachada da residência da família da professora Maria de Souza Campos na cidade de Capela – SE



Fonte: Autoria nossa, 29 de outubro de 2010, Capela – SE.

Sua infância, segundo relato do seu irmão José Souza Campos,² foi marcada por traquinagens como todas as crianças da época, sendo ela caracterizada como sendo uma menina agitada e esperta. Era prática comum se contar histórias sobre os cangaceiros³ e o famoso Lampião, despertando o medo nas crianças e com Maria não foi diferente. Seu irmão relatou que ela tinha uma grande cicatriz na perna direita, adquirida quando ela tinha 9 anos. Este fato ocorreu no dia em que recebeu a notícia de que o cangaceiro estava chegando em Capela. Ela estava com um facão tirando junco e o medo foi tanto que se cortou e não sentiu devido ao alvoroço daquele momento, só percebeu ao chegar em casa pois estava toda ensangüentada. Sua mãe a curou com borra de café e ervas medicinais, práticas comuns naquela época.

Baseando-nos no contexto histórico da época, conta-se que

Em Capela (SE), um grupo de 45 policiais da vizinha Vila Nova, que tinha acabado de escapar de um combate contra os revoltosos da Coluna Prestes

² Entrevista cedida por José Souza Campos, no dia 23 de setembro de 2010, Japaratinga – SE.

³ “A presença do cangaço em Sergipe foi marcante a partir de 1929, quando Lampião e o seu bando se fixou no Vale São Francisco” (SOBRAL, 2006, p. 53)

[...] recebeu com uma fuga estrepitosa a notícia da chegada do bando de Lampião. Metralhados pelos revolucionários de Prestes, os militares fugiram de todo jeito, mesmo com a população da pequena cidade lhes oferecendo dinheiro e fazendo mil pedidos para que ficassem e, honrando sua farda, enfrentassem os bandoleiros. Levaram, além do mais, todas as armas e munições de que dispunha Capela para sua defesa. Somente cinco dos militares resolveram ficar e unir-se aos civis para ajudar na resistência. Pouco antes de chegar à cidade, o bandoleiro, que já havia atacado duas fazendas vizinhas, mandou um emissário com o recado de que Capela deveria se render sem combate para evitar maiores problemas [...] (MOACIR, 2007, p. 210-211).

Enquanto adolescente, Maria de Souza era uma moça bastante alegre, que sempre se destacava entre as outras por sua desenvoltura. Sendo assim, era de se esperar que ela logo encontrasse um companheiro.

Numa festa na cidade de Capela, ela conheceu o jovem Francisco da Rocha ou popularmente conhecido como “Franço”, por quem se encantou. Durante essa festa, o rapaz lhe deu um beijo no rosto, o que para as moças da época era um desrespeito, então, motivada por esse beijo, fugiu para a cidade de Japarutuba nesta mesma noite, à cavalo, uma vez que, segundo ela contava, pensava que moça ao ser beijada deixava de ser “pura”.

IMAGEM 02: Foto de Francisco da Rocha, esposo da professora Maria de Souza Campos. Japarutuba – SE.



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Souza Campos/Autoria desconhecida

Quando chegou a Japaratuba, no ano de 1935, casou-se com “Franço” e foi morar na Fazenda Camarões, localizada a cerca de quatro quilômetros da sede do município. Ela ajudava na roça, cortava capim, buscava feixes de lenha, além de lavar e gomar roupas para as famílias vizinhas. Era comum encontrar Maria de Souza Campos montada em um cavalo juntando os bezerros para levar ao curral.⁴

No ano de 1936, o casal mudou-se para a cidade de Japaratuba, passando a residir à Rua Donaciano Corrêa, nº 202, casa onde viveu até seus últimos dias, e foi nessa casa que ela começou a desempenhar a função de professora.

IMAGEM 03: Fachada da residência da professora Maria de Souza Campos, Japaratuba – SE.



Fonte: Autoria nossa, 19 de outubro de 2010, Japaratuba – SE.

FORMAÇÃO ESCOLAR E INGRESSO NO MAGISTÉRIO

Sua vida escolar teve início no Grupo Escolar Coelho e Campos, na cidade de Capela, no ano de 1928. Foi nessa instituição onde cursou as primeiras séries do ensino primário. Na

⁴ Informações dadas por Maria Santana de Jesus, 94 anos, moradora da fazenda Rio Vermelho, localizada acerca de seis quilômetros da cidade de Japaratuba, no dia 24 de outubro de 2010. Japaratuba – SE.

escola, por ser uma menina inteligente e, sobretudo, mandona e observadora, Maria de Souza Campos recebeu o apelido de “Dona”, daí, todos se esqueceram praticamente o seu verdadeiro nome, assim relatou seu irmão, José Souza Campos.⁵

IMAGEM 04: Fachada do Grupo Escolar Coelho e Campos, Capela – SE.



Prédio localizado à praça 15 de novembro, da cidade de Capela – SE. Atualmente denomina-se Escola Estadual Coelho e Campos

Fonte: Autoria nossa, 29 de outubro de 2010, Capela – SE.

Conforme Germano (1994), a educação desde o ano de 1925 passou a ter um caráter mais rígido, dando ênfase à educação moral e ao controle do comportamento. Devido à rigidez do ensino daquela época, quem concluía a 4ª série já tinha um grande conhecimento, e foi com essa “carga” adquirida que a professora “Dona” começou a ministrar as suas primeiras aulas, aos 13 anos de idade. As condições do local onde residia e ministrava suas aulas eram precárias e ela utilizando um quadro improvisado na parede, escrevia com carvão as lições aos seus primeiros alunos. Sua motivação baseava-se na vontade de exercer a profissão docente como indicam os depoimentos fornecidos sobre ela.

Quando chegou à cidade de Japaratuba, aos dezessete anos (1936), a professora “Dona” começou a ministrar aulas particulares em sua residência, atendendo a crianças, jovens e adultos. No início, ela cobrava muito pouco e havia aqueles que deixavam de pagar por falta de condições financeiras. Mesmo assim, ela recebia a todos, e muitos pais lhe ofereciam galinhas e frutas como forma de pagamento.⁶

⁵ Entrevista cedida por José Souza Campos, em 23 de setembro de 2010, Japaratuba – SE.

⁶ Entrevista cedida, dia 24 de Setembro de 2010, por Maria Rosália Silva Santos, 77 anos, ex- aluna da professora Maria de Souza Campos , Japaratuba – Se.

O lugar onde ela acomodava seus alunos era um quarto localizado no fundo da sua casa, com um quadro improvisado pintado na parede. Havia pouca iluminação e os alunos se acomodavam em bancos de madeira ou sentavam no chão.

IMAGEM 05: Foto do quarto da professora “Dona”.



Podemos observar o quadro utilizado pela professora Maria de Souza Campos, e ao fundo, um dos bancos onde os alunos se acomodavam.

Fonte: Nossa autoria, 19 de outubro de 2010, Japaratuba – SE.

IMAGEM 06: Banco pertencente à mobília do quarto onde a professora Maria de Souza Campos ministrava as aulas.



Banco doado pelo Padre Cláudio, da Paróquia Nossa Senhora da Saúde – Japaratuba, na década de 1960.

Fonte: Autoria nossa, 19 de outubro de 2010, Japaratuba – SE.

Sobre as condições do ensino ofertado na residência da professora “Dona”, uma ex-aluna, Maria Rosália⁷, relatou que

Pessoas estudavam pelo dia e outros que trabalhavam, estudavam a noite. A casa era pequena, mas ficava “cheinha”, que ela botava bancos dentro de

⁷ Entrevista cedida, dia 24 de Setembro de 2010, por Maria Rosália Silva Santos, 77 anos, ex- aluna da professora Maria de Souza Campos, Japaratuba – Se.

casa, ficava cheia de menino. Pela manhã era uma turma, pela tarde era outra turma. Vez que tava cheio que a gente sentava na porta do quarto num banquinho, sentava na porta da cozinha noutro banquinho, quando não tinha lugar pra sentar, cada um trazia seu assento de casa. A gente ia apanhar água pra beber mais ela, por que aqui não tinha água encanada. Ia buscar água num pasto. Lá tinha quatro buraquinhos, ela ficava no buraco, cada um ia com a sua vasilhinha, levava de casa pra ajudar ela, enchia e vinha pra despejar no purrão. Quando eu fui estudar lá já sabia alguma coisa, mas tinha gente que aprendia tudo lá. Estudava também homem que trabalhava pelo dia, estudava a noite, mulher casada.

Foi com essa simplicidade que a professora “Dona” foi se tornando conhecida na região, e ingressando na carreira do magistério de forma autônoma. A cada dia chegavam mais alunos para aprenderem com ela as primeiras letras e as operações fundamentais de aritmética, bem como lições de ciências naturais, estudos sociais e, ensino religioso, assim relatou a ex-aluna Maria Rosália.⁸

Em meados da década de 1960, o grupo de alunos atendido pela professora passou a ser batizado por ela como “Educandário Santa Terezinha”, uma homenagem feita pela professora à santa de sua devoção. O quarto utilizado como sala de aula, chegou a atender mais de duzentas crianças e jovens de toda a cidade. Eles se amontoavam em bancos, tamboretas e muitos ficavam de pé, atentos á lição.

IMAGEM 07: Foto tirada no Educandário Santa Terezinha.



Em destaque, Maria de Souza Campos (com o bolo), junto a sua aluna Lourdes (lado direito), no dia do seu aniversário, no ano de 1966.

Fonte: Acervo pessoal da professora/Autoria desconhecida

⁸ Entrevista cedida, dia 24 de Setembro de 2010, por Maria Rosália Silva Santos, 77 anos, ex- aluna da professora Maria de Souza Campos, Japarutuba – Se.

Um importante fato a ser destacado, no início década de 1970, foi a instituição da prova de seleção para os alunos que desejassem fazer o curso ginásial. Os alunos do Educandário Santa Terezinha foram incentivados pela professora “Dona” a fazerem esses testes, e, conforme o boletim abaixo, muitos deles se destacaram na seleção. Era uma prova considerada difícil e vinha para a cidade alunos de toda a região do Cotinguiba.⁹

IMAGEM 08: Relação dos alunos aprovados para o Ginásial no ano de 1973.

GINÁSIO MUNICIPAL "PROF. EMILIANO NUNES DE MOURA"
JAPARATUBA - SERGIPE

RELAÇÃO DOS ALUNOS APROVADOS DO EDUCANDÁRIO "SANTA TEREZINHA"

01. Adalberto Silva	5,1
02. Cícero Pedro Santos	7,1
03. José Jorge Reis Nascimento	5,0
04. José Oliveira	5,0
05. Manuel Pereira	5,0
06. Valmir dos Santos	5,1
07. Vitalmiro Souza	4,4
08. Maria Zilda da Cruz Santos	4,5
09. Rosângela dos Santos	5,1
10. Reuza Ima Maciel dos Santos	4,6

Secretaria do Ginásio Municipal "Prof. Emiliano
Nunes de Moura", 21 de dezembro de 1973.

Maria José P. Brito

Boletim encontrado na residência de Maria de Souza Campos, datado de 1973, constando da lista dos aprovados do educandário Santa Terezinha para o curso ginásial, assinado pela então secretária do Ginásio, a senhora Maria José Pinheiro de Brito.

Fonte: Acervo Pessoal da Professora Maria de Souza Campos

⁹ Abrange as cidades de Pirambu, Japaratuba, General Maynard, Carmópolis, Maruim, Rosário do Catete, Divina Pastora, Laranjeiras, Santa Rosa de Lima, Cumbe, Nossa Senhora das Dores, Siriri, Riachuelo, Muribeca, Aquidabã, Capela, Pacatuba, Malhada dos Bois, Feira Nova, Japoatã e São Francisco.

Reconhecida a importância do Educandário Santa Terezinha no cenário educacional do município de Japarutuba, o então Prefeito Municipal, Moacir Oliveira Souza, no ano de 1967, autorizou a construção do “Grupo Escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz”, localizado na Praça Nações Unidas s/n. Em sua inauguração, no ano de 1968, já sob a administração do Prefeito Afonso Oliveira Souza, foi designado a Maria de Souza Campos o cargo de diretora da referida instituição.

Sobre esse fato, a senhora Maria Pereira,¹⁰ que na época trabalhava na merenda escolar, contou que o prefeito da cidade a procurou para solicitar a indicação de alguém para tomar conta do grupo

E agora Maria como é que a gente vai conseguir uma pessoa? Eu respondi “Dona”, daí ele disse: vá convidar por que “Dona” é assim mesmo apinhada, não fala nada. Quando eu fui ela me respondeu: Deus me livre, eu, com meus meninos de chinelo, de tamanco, não vai não. Tem menino que vai até estudar descalço. Naquela época, bem se via que ela tinha gosto de ensinar. Ai eu disse: “Dona”, mais lá ninguém vai olhar os pés do menino não, pense, vai perder essa oportunidade? Ela chorou, viu! Ai eu disse, tem uma pessoa que vai fazer você ir “Dona”, e ela disse que não tinha ninguém, nem Franço nem ninguém ia fazer ela ir. Aí eu fui falar com o doutor Moacir, que tava sendo chefe do hospital: Doutor Moacir deixe eu dizer uma coisa, o senhor Afonso convidou a sua conhecida “Dona” para levar a escola dela lá para o grupo, e ela não quer não. Ele disse: O quê, ela não quer? Aí o doutor Moacir foi falar com ela, ela chorou, sapateou, disse que os alunos dela não iam. E o doutor Moacir disse: a senhora vai aceitar sim. O doutor Moacir me disse: acerte um dia pra gente ir lá. Aí a gente foi lá na casa dela. Quando chegou lá ele perguntou: meninos vocês querem bem a “Dona”? Vocês querem estudar num lugar grande? Tem cadeira, tem uma cozinha pra fazer lanche. Aí os meninos disseram: queremos!, Ela por trás fazia: menino, menino se cale. Sempre tem um mais adiantado, que falou: e onde é doutor? Aí o doutor pediu permissão pra ir lá visitar com os meninos. “Dona” assim, meio sem graça, disse que não pôde dizer não a Doutor Moacir, e foram lá conhecer o grupo. Quando chegou lá “Dona” me perguntou: e como ia pra aquele lugar bonito? Que às vezes ela ia ensinar de chinelo ou descalça lá dentro de casa. Ai lhe respondi: calça o sapato “Dona”, vamos! Aí eu sei que “Dona” aceitou ser diretora do grupo. E lá ficou até Deus levar.

¹⁰ Entrevista cedida por Maria Pereira dos Santos, 27 de outubro de 2010, Japarutuba/SE.

Essa escola ficou conhecida popularmente como Grupo de “Dona”. Ofertava o ensino fundamental primário nos turnos matutino e vespertino, sendo que, no período noturno a professora “Dona” atendia aos adultos, continuando com o seu Educandário, atendendo a jovens e adultos, trabalhadores e domésticas.

IMAGEM 09: Placa de Inauguração do Grupo Escolar Marechal Ademar de Queiroz, Japaratuba – SE.



Fonte: Autoria nossa, 19 de outubro de 2010, Japaratuba – SE.

IMAGEM 10: Fachada Original do antigo Grupo Escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz, Japaratuba – SE.



No ano de 2006 a escola passou por uma reforma, mudando também o seu nome para Escola Municipal Professora Maria de Souza Campos, como forma de homenagem à diretora.

Fonte: Autoria nossa, 19 de outubro de 2010, Japaratuba – SE.

No dia 24 de setembro de 1971, o esposo da professora Maria de Souza Campos faleceu. Desse dia em diante a professora passou a morar sozinha em sua residência, fazendo-se necessário aqui informar que o casal não teve filhos. Dessa forma, ela passou a dedicar

todo o seu tempo à escola que estava sob a sua responsabilidade. Exercendo diuturnamente a função de professora e diretora da referida instituição, adotando como dever cuidar da educação dos alunos que se dirigiam aos seus cuidados.

Até então, a professora “Dona” tinha apenas o ensino primário, porém, no ano de 1976, ela foi cursar o magistério em Regime Especial na cidade de Capela. Esse curso era desenvolvido no período das férias, os interessados deveriam se dedicar aos estudos em período integral.

IMAGEM 11: Foto tirada no dia da Formatura do Magistério, Capela/SE.



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Souza Campos/Autoria desconhecida.

Tendo concluído o Magistério, que para a época era muito significativo, a professora “Dona” procurou, já com visão do processo ensino-aprendizagem, contribuir para o desenvolvimento e engrandecimento intelectual de Japaratuba através de apresentações e atividades sócio-culturais e religiosas que marcaram história.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DURANTE O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Como ressaltamos, a professora “Dona” iniciou sua carreira no magistério por volta de 1932, após ter concluído o ensino primário, ministrando aulas particulares em sua própria residência, na cidade de Capela. As suas práticas pedagógicas eram um reflexo da educação por ela adquirida naquela época. Sobre as práticas pedagógicas realizadas pela professora no início da sua carreira no magistério, temos o relato de um dos seus primeiros alunos, o senhor João Vieira Matos.¹¹

Mais ou menos éramos 30 alunos. O estudo era da seguinte forma: tinha uma regra e uma palmatória para os desobedientes e os que não gostavam de estudar. O ABC era escrito na parede, as letras maiúsculas e as minúsculas. Ela vinha e ensinava a gente a, b, c, d; de um lado, as letras maiúsculas e as minúsculas do outro. Antigamente, o estudo tinha o caderno de caligrafia próprio, então você já aprendia da maiúscula para a minúscula. Dia de sábado tinha um argumento de tabuada, o aluno que acertava dava um bolo no que errava.

IMAGEM 12: Foto do senhor João Vieira matos, ex-aluno da professora Maria de Souza Campos, Capela – SE.



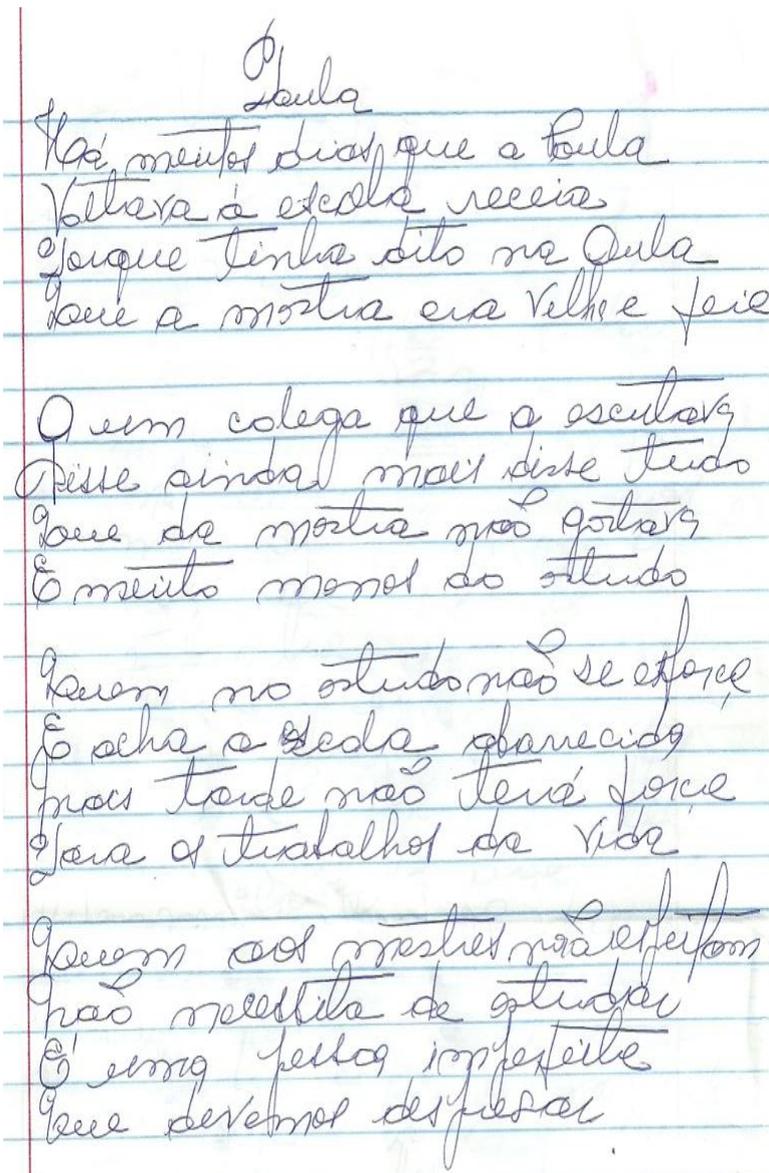
Atualmente o senhor João Vieira, mesmo após ter sido aposentado, continua a exercer a função de contador do Hospital São Pedro de Alcântara na Cidade de Capela – SE. Ele disse que deve todo o seu conhecimento à educação recebida com a professora “Dona” que o ensinou a realizar cálculos mentais.

Fonte: Autoria nossa, 29 de outubro de 2010, Capela – SE.

¹¹ Entrevista cedida por João Vieira Matos, 84 anos, no dia 29 de outubro de 2010, na cidade de Capela – Sergipe.

Esse mesmo aluno disse que aos sábados, a professora “Dona” costumava realizar uma sabatina,¹² e quem errasse era castigado com o uso da palmatória. Essa prática foi adotada por ela durante toda a sua carreira no magistério. Ele ainda ressaltou que, a professora sempre gostou de poesias e todos os sábados ela selecionava uma e dava para um aluno decorar e recitar na semana seguinte, sendo rígida quanto à postura e impostação da voz.

IMAGEM 13: Poema copiado pelo Sr. João Vieira, Capela – SE.



Essa poesia foi passada para que o senhor João recitasse para a turma. Extraído do livro de poesias “Coração de Criança.

Fonte: João Vieira Matos, 29 de outubro de 2010. Capela – Sergipe.

¹² Assim chamavam a lição que era dada de maneira decorativa.

No ano de 1936, quando ela se mudou para a cidade de Japaratuba, continuou no exercício da docência. A professora “Dona” não abandonou suas práticas anteriores, continuando seu trabalho com base na disciplina e rigidez.

As práticas pedagógicas realizadas pela professora “Dona” sempre foram marcadas por sua rigidez, e esse aspecto fazia do estabelecimento de ensino um espaço de confiança onde os pais deixavam os filhos na certeza de eles serem bem educados, segundo as necessidades da época. Muitas mães entregavam seus filhos dizendo: “Cumade aí está ele, desse portão pra dentro é com a senhora”, mostrando dessa forma, a confiança na educação ofertada na “escola de Dona”.¹³

Quando passou a exercer a função de diretora, no ano de 1967, a professora “Dona” não perdeu de vista a prática de uma educação com base na disciplina. A aplicação de castigos físicos era uma prática aceita tanto pela escola como pela comunidade, e foi essa marca de rigor que alimentou a confiança na professora. Conforme nos diz Mori (1998, p. 47) na década de 70, “amados e temidos, os professores podiam influenciar decisivamente nos rumos tomados pelos alunos”, ou seja, constatava-se que os alunos se comportavam melhor não só na escola, mas também na vida social.

Por razões de desempenhar sua profissão numa época influenciada pela Ditadura Militar, as práticas pedagógicas adotadas pela professora “Dona” baseavam-se na pregação do respeito aos símbolos nacionais e à disciplina. É importante relatarmos que, durante a semana da pátria, a professora costumava, todos os dias, reunir os alunos na quadra da escola para a cerimônia de hastemanento da bandeira e, ao final da tarde, realizava o descerramento.

No tocante às práticas pedagógicas e ao currículo desenvolvidas pelos professores na década de 1970, com base nos estudos feitos por Mori, a pedagogia da exaltação aos valores morais e cívicos demonstrava uma vontade de manter valores para a vida numa sociedade autoritária

na memória desses professores, os valores são norteados pelo respeito e pela obediência às autoridades, segundo a ordem Deus, pátria e família. Buscavam formar alunos tementes a Deus, trabalhadores e respeitadores das leis do país. (MORI, 1998, p. 41).

¹³ Entrevista cedida por João Vieira Matos, 84 anos, no dia 29 de outubro de 2010, na cidade de Capela – Sergipe.

A ex-professora Maria Norma,¹⁴ que iniciou a sua carreira no mesmo período da professora aqui tratada, relata que

Os alunos ao entrar, cumprimentavam os professores e iam aos seus lugares. Os alunos que faziam o dever de casa iam apresentar ao professor e depois iam fazer o da escola. Sempre foi primeiro a aritmética, cada aluno ia ao quadro, a professora dizia os números, ou somar, diminuir, ou as outras, os alunos faziam a conta no quadro. Quando era de terça a quinta, primeiro tinha ensaio de cantos, hinos patrióticos, depois era o dever. Eles respeitavam, quando tinha a necessidade de ir ao banheiro tinha uma pedrinha que eles levavam. Tinha o recreio, eles iam merendar, depois voltavam a tomavam seu lugar, aí tinha a leitura ou ditado, ou eles iam produzir. Sete de Setembro tinha o ensaio das marchas. Era no campo, então ia a escola marchando e o sargento ia olhando os alunos marchando. As crianças em sete de setembro recitavam. Recitavam bem. O ensino era rígido, os meninos apanhavam, eu mesma batia nas nádegas dos meus alunos.

Durante entrevista com o ex-aluno Jeorge da Cruz Ramos,¹⁵ foi dito que

Os alunos faziam tudo direitinho na escola, de quando entrava até a hora da saída, tinha castigo mais a gente aprendia. Alguns alunos eram ousados outros eram preguiçosos, mas, quando ficava nos corredores da escola, quando alguém dizia “Lá vem Dona”, todos saíam correndo, já sabia que ela vinha com uma palmatória¹⁶ na mão para punir os ‘bagunceiros’. Ela também gostava de dar beliscões na gente. Quando ia cantar os hinos ela ficava prestando atenção, se ela visse que a gente não tava cantando ela chegava de mansinho e beliscava.

¹⁴ Entrevista cedida por Maria Norma do Espírito Santo, 90 anos, no dia 27 de outubro de 2010, Japaratuba – SE.

¹⁵ Entrevista cedida no dia 19 de outubro de 2010 por Jeorge da Cruz Ramos, 34 anos, aluno do grupo Escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz entre os de 1983 e 1989. Japaratuba – SE.

¹⁶ “Uma régua feita especialmente pra não quebrar facilmente, com um material leve e que fazia mais barulho de que causava dor” segundo Dona dizia enquanto viva.

IMAGEM 14- Primeira palmatória utilizada por Dona na década de 1970, feita com madeira de sucupira



Fonte: Aatoria nossa, 19 de outubro de 2010.

Dona impunha autoridade, porém seu semblante ameno fazia com que os alunos tivessem respeito por ela, e não aversão.

IMAGEM 15: Coleção de réguas e palmatória encontradas na residência da professora Maria de Souza Campos. Japaratuba – SE.



Fonte: Aatoria nossa, 19 de outubro de 2010. Japaratuba – SE.

A educação ofertada no Grupo Escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz era referência no município.

A professora Maria Carmélia Vasconcelos,¹⁷ que trabalhou com a professora Maria de Souza Campos desde o ano de 1982, conta que

ela era uma pessoa bastante disciplinada, não gostava de mudanças, e sempre foi uma professora bastante conservadora. Com relação aos livros didáticos, no Grupo Escolar Marechal Ademar de Queiroz ela adotava os livros que vinham da secretaria, e os professores da escola trabalhavam se guiando por ele. Porém, no Educandário Santa Terezinha, que era ela quem mandava, ela não abandonava os velhos livros.

IMAGEM 16: Capas de livros utilizados pela professora “Dona” na alfabetização de jovens e adultos do Educandário Santa Terezinha. Japaratuba – SE.



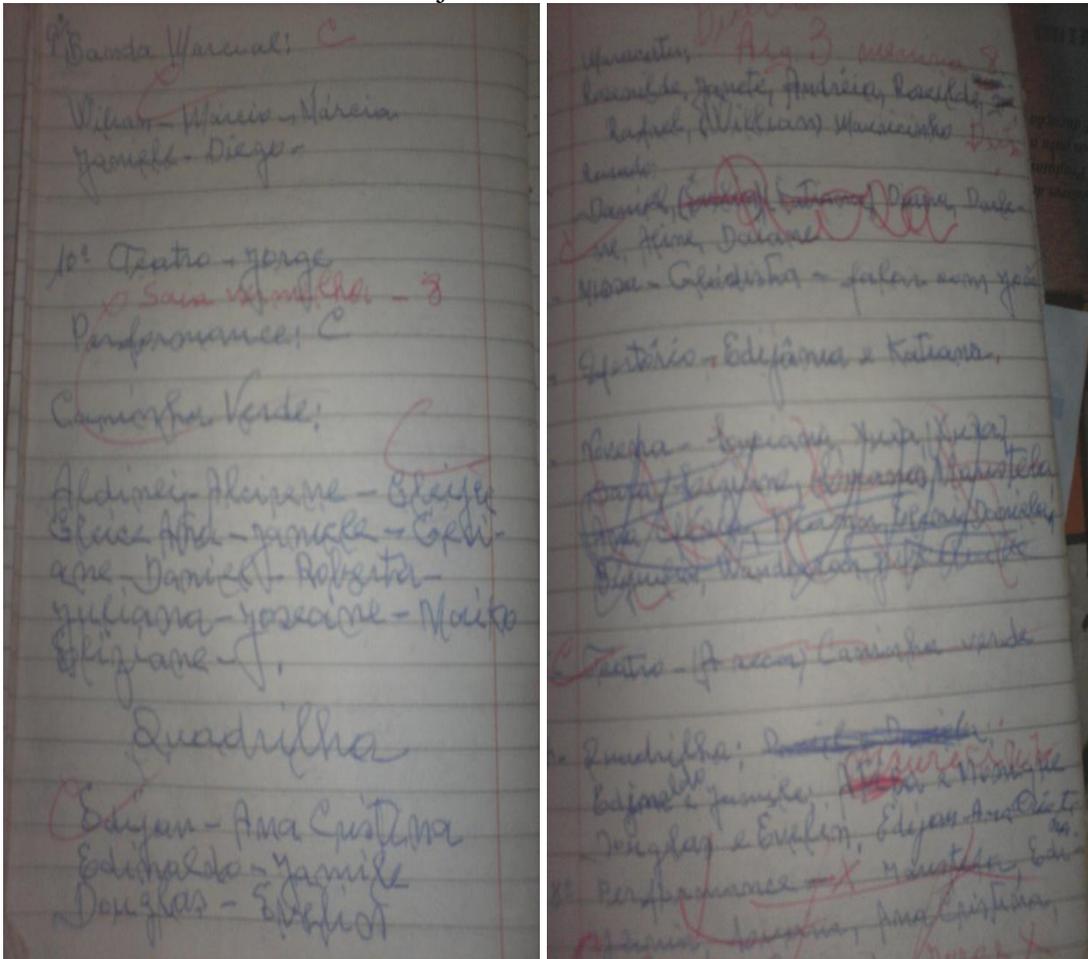
FONTE: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos.

A professora “Dona” também era muito organizada quanto aos seus compromissos, mantendo sempre um caderno de anotações. Conforme relatou sua sobrinha, Regina¹⁸, “ela sempre anotava tudo que tinha pra fazer”. Foi possível encontrar dentre os seus pertences um caderno de anotações, com informações quanto às atividades comemorativas a serem realizadas na escola.

¹⁷ Entrevista cedida no dia 08 de outubro de 2010, pela professora Maria Carmélia Santos Vasconcelos, Japaratuba – SE.

¹⁸ Entrevista cedida por Regina da Silva Andrade, no dia 29 de outubro de 2010, Japaratuba – Se.

IMAGEM 17: Anotações feitas pela professora Maria de Souza campos referentes a atividades a serem desenvolvidas junto aos alunos no ano de 1995



FONTE: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos. Japarutuba – SE.

QUANTO À EDUCAÇÃO CÍVICA

No período histórico referente à Ditadura Militar (1964-1985), as escolas deveriam se encarregar, dentre outras coisas, de difundir a educação moral e cívica, com base nos estudos feitos por Germano (1994), era dada ênfase ao patriotismo, devendo os participantes da educação formal, manter em seus currículos questões que exaltassem a pátria e os símbolos nacionais.

A professora “Dona”, mesmo tendo estudado num período que antecedeu a ditadura, já foi habituada a trabalhar com essas questões, uma vez que quase todo o século XX foi marcado por essa característica. Nesse sentido, quando passou a exercer o cargo de professora obedecendo às legislações vigentes, adotou como prática pedagógica o trabalho com os

símbolos nacionais, bem como os hinos patrióticos. Segundo a professora Maria Carmélia Vasconcelos, que trabalhou junto á professora “Dona” durante 25 anos, os alunos que estudavam na “Escola de Dona” deveriam saber todos os hinos referentes às comemorações cívicas, e aos professores cabiam o papel de preservar os valores da moral e dos costumes patriotas.

Conforme nos contou o ex-aluno Gilberto Santos¹⁹

Pelo menos um dia na semana os alunos tinham que ir à quadra da escola para cantar algum hino patriótico. Quando chegava a semana da pátria, havia os ensaios na escola, os alunos iam para a quadra para hastear a bandeira e lá cantavam os hinos da Independência e o Nacional. Quando era de tarde “Dona” fazia o descerramento da bandeira como uma patriota que sempre finalizava esse momento dizendo: “Sem ordem não pode haver progresso...” Nesse momento em que cantava o hino ficava numa posição específica, bem ereta, a cabeça erguida e com os pés entreabertos que ela fazia questão de salientar que aquela era a posição ideal para mostrar o verdadeiro respeito pela nossa bandeira. Ela ficava olhando para os alunos, pra ver se estavam todos cantando, se não estivesse atento ela vinha dar carão, beliscava.

O Grupo Escolar Marechal Ademar de Queiroz, todos os anos, desde a sua criação, era presença marcante nos desfiles cívicos da cidade de Japaratuba, onde a professora Maria de Souza Campos, sempre apresentava na avenida temas referentes a momentos históricos.

O desfile do Ademar era famoso pela ousadia que todos os anos levava cavalos e sempre o tão esperado boi. Muitas pessoas não entendiam a presença daquele boi ali no meio do desfile, e só diziam lá vem o boi de Dona. Mas tinha um significado simbólico muito grande dentro do processo de colonização e desenvolvimento de nosso país no século XVI.²⁰

¹⁹ Entrevista cedida por Gilberto Santos, no dia 24 de outubro de 2010, Japaratuba – SE.

²⁰ Entrevista cedida por Jorge Marcelo Ramos, professor da escola Municipal Marechal Ademar de Queiroz na década de 90, no dia 18 de outubro de 2010, Japaratuba – SE.

IMAGEM 18: Desfile cívico, 7 de Setembro de 1986. Japaratuba – SE.



Em destaque, banda marcial do grupo Escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz.

Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos, Japaratuba – SE/ Autoria desconhecida

QUANTO AO ENSINO RELIGIOSO

Quanto às práticas pedagógicas voltadas ao ensino religioso, notou-se, a partir dos relatos obtidos, que a professora era muito católica, levando para dentro do ambiente escolar a vontade de inculcar nos seus alunos os valores religiosos. Todas as manhãs ao chegarem à escola, antes das aulas iniciarem, a professora reunia os alunos no pátio da escola para juntos rezarem a oração da manhã ou cânticos religiosos.

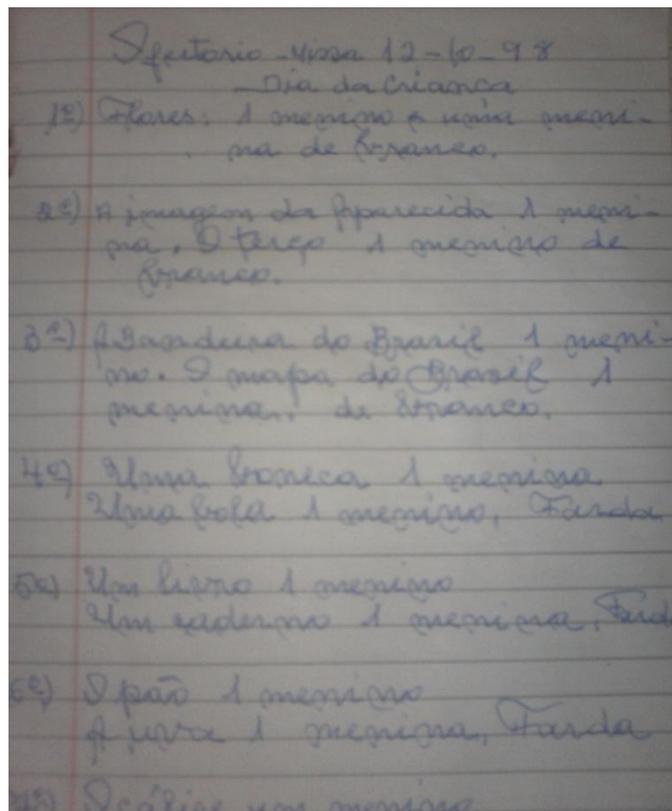
Todas as manhãs, quando a gente chegava na “Escola de Dona”, sentava no pátio e esperava dar oito horas, que era a hora de fechar o portão. Quando ela fechava o portão, vinha falar com a gente, rezava a oração da manhã todos juntos. Tinha dias que a gente rezava o Pai Nosso, ou Ave Maria, todos os dias a gente tinha que rezar. Na parede tinha um quadro onde “Dona” escrevia uma reza, um canto, ou alguma coisa sobre a igreja para a gente copiar no caderno. Todos tinham que fazer porque na hora da saída ela se sentava numa cadeira no portão e olhava o caderno de um por um pra ver se a gente tinha copiado tudo. Quem copiava podia ir embora, e aqueles que não tinham feito ou não tinham terminado sentava no chão de novo e ia copiar. “Dona” não deixava sair sem ter feito o dever de religião. Quando eu

fui estudar a tarde era a mesma coisa, rezava do mesmo jeito. O engraçado é que ninguém apagava o quadro, o dever ficava lá escrito o dia todinho.²¹

Com o relato visto acima, percebe-se a importância atribuída ao ensino religioso por parte da professora em questão. Essa atividade era realizada diariamente, conforme foi visto em relatos de outros alunos entrevistados.

A presença nas festas religiosas da cidade também era uma prática que a professora costumava desempenhar, levando os alunos a acompanhar todo o calendário cristão, estando sempre presente em missas comemorativas. A mais comemorada era a missa em homenagem às crianças, para essa missa a professora costumava sempre organizar algo para apresentar.

IMAGEM 19: Organização do ofertório para a missa das crianças no ano de 1998.



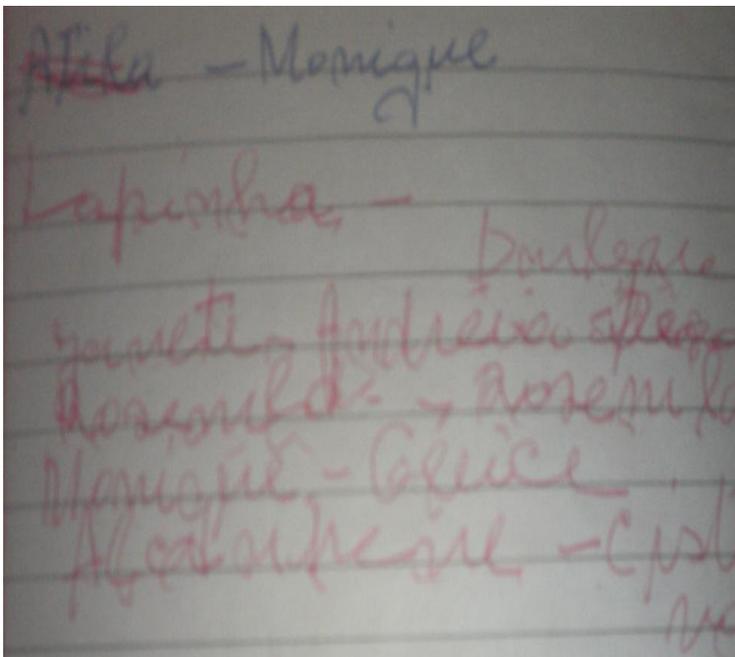
Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos, 1998. Japarutuba – SE.

²¹ Entrevista cedida em 19 de outubro de 2010, por Geosmaria Ramos, 26 anos, aluna da Escola Municipal Marechal Ademar de Queiroz entre os anos de 1992 a 1996. Japarutuba – SE.

Na festa da Padroeira da cidade Nossa Senhora da Saúde, como era prática comum todas as escolas participarem nos novenários, a professora sempre tinha algo para apresentar para a comunidade. Nas comemorações natalinas a população que ia assistir à missa de Natal sempre esperava a professora “Dona” aparecer com um grupo de alunos. Ela, todos os anos, reunia um grupo de alunos e os ensaiavam para representar o presépio na missa de Natal.

Quando a gente ia à missa, sempre esperava para ver a apresentação de Dona, quando estava no meio da missa, lá vem Dona com uma aluna representando Nossa Senhora montada em um jumento, todos aplaudiam. Nas noites de Natal ao final da tradicional Missa do Galo todos esperavam as apresentações como a Lapinha, os Pastores e o teatro dos bichos que louvavam Jesus no dia de seu nascimento. As alunas do Ademar vestidas e enroladas por um lençol branco apresentavam o Pastoril, louvando ao nascimento do menino Jesus. A frente deitado ficavam os pastores com as suas ovelhas.²²

IMAGEM 20: Recorte de anotação feita por Maria de Souza Campos, com os nomes das alunas que iriam apresentar na missa de Natal do ano de 2001.



A professora Maria de Souza Campos, mantinha um caderno de anotações com os alunos que ela escolhia para as apresentações fora da escola.

Fonte: Acervo Pessoal da professora Maria de Souza Campos. Japarutuba – SE.

²² Entrevista cedida, no dia 24 de outubro de 2010, por Maria Irene Silva, Japarutuba – SE.

PROFESSORA “DONA” E O INCENTIVO À CULTURA DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR

Durante o período em que a professora “Dona” esteve frente à direção da Escola Municipal Marechal Ademar de Queiroz, tal instituição foi marcada pelas apresentações culturais que a professora organizava para apresentar à comunidade. Segundo a professora Maria Carmélia²³

ela exigia dos professores a participação em todas as atividades desenvolvidas na escola, tinha que organizar comemorações para as mais importantes datas comemorativas, e ela gostava de participar ativamente de todas as atividades que eram desenvolvidas na escola estando sempre supervisionando o desempenho de todos.

Segue abaixo exemplos das comemorações realizadas na escola:

IMAGEM 21: Encenação de uma peça teatral apresentada no grupo Escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz, década de 1990, Japaratuba – SE.



A imagem ao lado, podemos ver ao fundo a professora Gildete Santos, com os seus alunos da 3ª série, apresentado uma dramatização em homenagem ao dia do índio, na década de 1990.

Fonte: Acervo pessoal do professor Jorge Marcelo Ramos/Autoria desconhecida.

²³ Entrevista cedida no dia 08 de outubro de 2010, pela professora Maria Carmélia Santos Vasconcelos, Japaratuba – SE.

IMAGEM 22: Comemoração ao Dia do Circo, Grupo Escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz, década de 90, Japaratuba - SE



Os alunos, junto com o professor Jorge (ao centro) trabalharam na confecção de um circo para ornamentar a comemoração ao Dia do Circo.

Fonte: Acervo pessoal do professor Jorge Marcelo Ramos/ Autoria desconhecida

Uma das pessoas que mais incentivou a atuação de Maria de Souza Campos no cenário cultural foi o Padre Cláudio, pároco da cidade na década de 1970. Foi ele quem incentivou a professora a montar um grupo folclórico. No ano de 1980, ela fundou o “Maracatu Nação do Pavão Dourado”, sendo este grupo composto pelos alunos da escola Municipal Ademar de Queiroz, com o propósito de aproximar os alunos dos valores culturais.

IMAGEM 23: Apresentação do Maracatu na Festa de Santos Reis, no ano de 1985.



Em destaque (elipse vermelha) a professora Maria de Souza Campos. Essa era a imagem que se tinha dela durante todas as apresentações culturais, sempre no meio do grupo tocando o seu pandeiro e animando os participantes.

Fonte: Acervo pessoal de Maria Rosália Silva, 1982, Japaratuba – SE.

Como boa nordestina, a professora “Dona” gostava muito dos festejos juninos, e quando lhe surgiu a oportunidade, no ano de 1985, organizou junto aos alunos, uma quadrilha junina, de início a proposta era de apresentar somente na escola durante as comemorações do mês de junho.

Como foi grande o número de alunos para participar da quadrilha, ela dividiu a turma em dois grupos, criando duas quadrilhas, a “Asa Branca” para os alunos maiores e a quadrilha “Chuva de Prata” para os menores. A quadrilha junina “Asa Branca” ganhou uma proporção maior que o esperado, vindo a representar o município em vários concursos juninos que aconteciam no interior do estado. Enquanto que a quadrilha Chuva de prata fazia apenas apresentações na escola e na cidade de Japarutuba.²⁴

IMAGEM 24: Foto da quadrilha Junina Chuva de Prata durante apresentação alusiva aos festejos juninos da cidade de Japarutuba no ano de 2005.



No destaque da foto aparece a aluna Thaís, desfilando como rainha do milho da quadrilha.

Fonte: Acervo pessoal do professor Jorge Marcelo Ramos, 24 de junho de 2005/Autoria desconhecida

Vejamos abaixo um manuscrito de um casamento caipira feito para a interpretação no meio da quadrilha. A letra é de Maria de Souza Campos e todos os anos ela fazia questão de elaborar as falas:

²⁴ Entrevista cedida no dia 03 de outubro de 2010, por Marcos Antônio da Silva, 42 anos, ex-aluno e ex-marcador da quadrilha junina “Asa Branca”, Japarutuba – SE.

IMAGEM 25: Peça escrita pela professora Maria de Souza campos, para apresentar na quadrilha junina Chuva de Prata.

O meu nome é Padre José,
 Vamos realizar o casamento de
 Romeu e Julieta.

Romeu você leva gosto em se casar
 com a Senhorita Julieta?

Julieta você quer mesmo casar com
 o jovem Romeu?

Então Romeu diga comigo:
 Eu Romeu, recebo a Senhorita
 Julieta como minha legítima
 esposa, assim como manda a
 Quadrilha Chuva de Prata.

Diga comigo Julieta:
 Eu Julieta, recebo o jovem
 Romeu como meu legítimo
 marido, assim como manda
 a Quadrilha Chuva de Prata.

Romeu e as alianças?

Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos.

Observamos que a professora “Dona” teve um papel singular na história educacional e cultural de Japarutuba. Sua trajetória na carreira docente, a despeito dos métodos de ensino pautados em uma pedagogia tradicional, traduzia os anseios de alunos e pais daquela cidade. Além de levar os alunos ao aprendizado da forma como sabia e objetivava, dava visibilidade através dos rituais, celebrações, eventos e festividades na cidade angariando simpatia e respeito pela dedicação que tinha ao seu trabalho.

Capítulo III

A PROFESSORA MARIA DE SOUZA CAMPOS NO CONTEXTO SOCIAL DA CIDADE DE JAPARATUBA

**Nossa história é como a nossa cultura,
não pode morrer no tempo.
(Maria de Souza Campos)**

A atuação da professora Maria de Souza Campos não se restringiu apenas à área da educação, segundo as pesquisas realizadas, a presença da professora era visível em várias esferas da cidade de Japaratuba. A participação dela se estendeu também, e em especial, à parte religiosa, social e cultural.

Quanto às práticas religiosas, segundo relatou sua amiga Maria Pereira,²⁵ quando Maria de Souza Campos estava em casa em seu mínimo tempo de descanso, chegavam pessoas para que ela rezasse de mau olhado, engasgo, erisipela, pancada. Havia ainda, pessoas que a procuravam também para batizar recém-nascido, e foi essa prática que levou a professora a ser chamada de “madrinha” por uma pequena parte da população da cidade de Japaratuba.

A referida professora estava sempre presente nas manifestações religiosas da cidade de Japaratuba, sendo que sua marca registrada eram as apresentações que ocorriam no período da Semana Santa, onde ela, no dia da Sexta-Feira da Paixão, reunia um grupo de homens e os vestia com roupas representando os romanos na época da crucificação de Jesus e os colocava para saírem às ruas da cidade, durante a procissão, encenando a Paixão de Cristo. Aos sábados de Aleluia, a professora também reunia esses homens para a missa do lava pés, fazendo também toda uma encenação acerca da cerimônia bíblica.

²⁵ Entrevista cedida por Maria Pereira dos Santos, no dia 27 de outubro de 2010. Japaratuba – SE.

Quando era na sexta-feira, nos ia para o grupo de Dona, eram uns 12 homens, todos amigos e conhecidos de Dona. Ela guardava lá na escola as roupas da gente, só precisava a gente levar o sapato, por que lá já tinha tudo. Já era certo quem ia participar. Quando dava umas três horas da tarde, a gente vestia a roupa de soldado e ia pra igreja pra ia acompanhar a procissão, parando em cada estação da paixão de Cristo, tinha um grito de guerra quando acabava se apresentar uma estação, todos os soldados gritavam: CRUCIFIXO, e seguia a procissão. No sábado de Aleluia, dia do Lava pés, Dona de novo me chamava, junto com mais 11 colegas para representar os discípulos que estavam na última ceia com Jesus, agente vestia um lençol que Dona levava, amarrava na cabeça, e ia pra missa. Ficava lá esperando a hora do Padre vim lavar nossos pés, ele depois dava um pão e uma moeda embrulhada.²⁶

IMAGEM 26: Procissão da Sexta Feira da Paixão na cidade de Japaratuba, 1987.



Ate a década de 90 o cortejo de representação das quinze estações da Paixão de Cristo percorria toda a cidade e a participação popular nas apresentações tinham à frente a professora Maria de Souza Campos.

Fonte: Arquivo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Saúde, Japaratuba – SE.

Foi a professora “Dona” quem ensinou a rezar a trezena de Santo Antônio na cidade de Japaratuba, durante os primeiros dias do mês de Junho, ela reunia um grupo, em sua maioria composto por mulheres, e ia às casas de pessoas que solicitavam a reza devido a

²⁶ Entrevista cedida por José dos Santos, no dia 24 de outubro de 2010, Japaratuba – SE.

alguma promessa a esse santo. A senhora Maria Rosália²⁷ diz que, ela costumava rezar também as novenas de São João, São Pedro, São José, Nossa Senhora Santana, dentre outras.

Foi relatado pela senhora Maria José,²⁸ presidente do Apostolado de Oração da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, grupo do qual Maria de Souza Campos fazia parte, que a ela era dada a tarefa de limpar a Igreja, limpar a sacristia e trocar as flores dos jarros, sendo ela responsável também pela manutenção do altar-mor.

IMAGEM 27: Altar-mor da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, Japarutuba – SE.



Aos domingos e vésperas de missas festivas, a professora costumava enfeitar a igreja para receber os fiéis, para isso, ela passava na casa de algumas pessoas recolhendo flores e folhagens para ajudar na ornamentação.

Fonte: Autoria nossa, 29 de outubro de 2010, Japarutuba – SE.

A sua grande paixão mesmo era a cultura, cantava no Coral Imaculada Conceição, organizado pelo maestro José Plínio do Espírito Santo²⁹. A respeito da professora “Dona”, o maestro comenta sobre a alegria que essa tinha ao aprender as músicas em latim.

²⁷ Entrevista cedida, dia 24 de Setembro de 2010, por Maria Rosália Silva Santos, 77 anos, ex- aluna da professora Maria de Souza Campos , Japarutuba – Se.

²⁸ Entrevista cedida por Maria José Silva, no dia 27 de outubro de 2010, Japarutuba – SE.

²⁹ Entrevista cedida por José Plínio do Espírito Santo, no dia 27 de outubro de 2010. Japarutuba – SE.

IMAGEM 28: Coral Imaculada Conceição, 1971. Japaratuba – SE.



Da esquerda para a direita:
Maestro José Plínio, D. Bezinha, D. Rosa, Teresa, D. Caçula, Maria de Lourdes (in memorian), Maria de Souza Campos (destaque), D. Nilda, Celina, D. Regina. (Identificação fornecida pelo Maestro José Plínio).

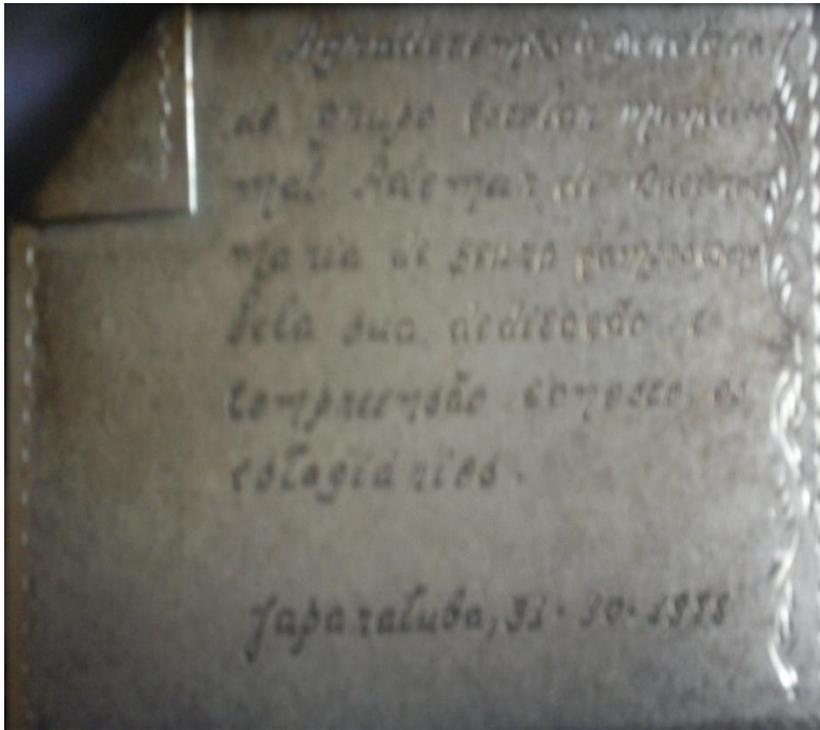
Fonte: Acervo pessoal do Maestro José Plínio do Espírito Santo/Autoria desconhecida.

Dona presidiu, durante cerca de 20 anos, a contar de 1975, o Clube de Mães Jovens e Infantis, localizado ao lado da Igreja Matriz da cidade. Esse clube é composto por mulheres que residiam na cidade e se reuniam para discutirem questões de interesse público e desenvolverem trabalhos artesanais, e nesse meio, ela passava seus ensinamentos, principalmente o bordado, que era sua especialidade. Atualmente esse clube é presidido pela Senhora Maria Pereira dos Santos.

HOMENAGENS À PROFESSORA

Durante o período de atuação da professora Maria de Souza Campos na cidade de Japaratuba, ela costumou receber placas em sua homenagem, como símbolo de reconhecimento à sua importância para a comunidade onde atuava. A exemplo, segue abaixo imagens de algumas placas de agradecimentos destinadas à Maria de Souza Campos

IMAGEM 29: Placa de agradecimentos aos serviços prestados pelo Grupo Escolar Marechal Ademar de Queiroz, ano de 1988. Japarutuba – SE.

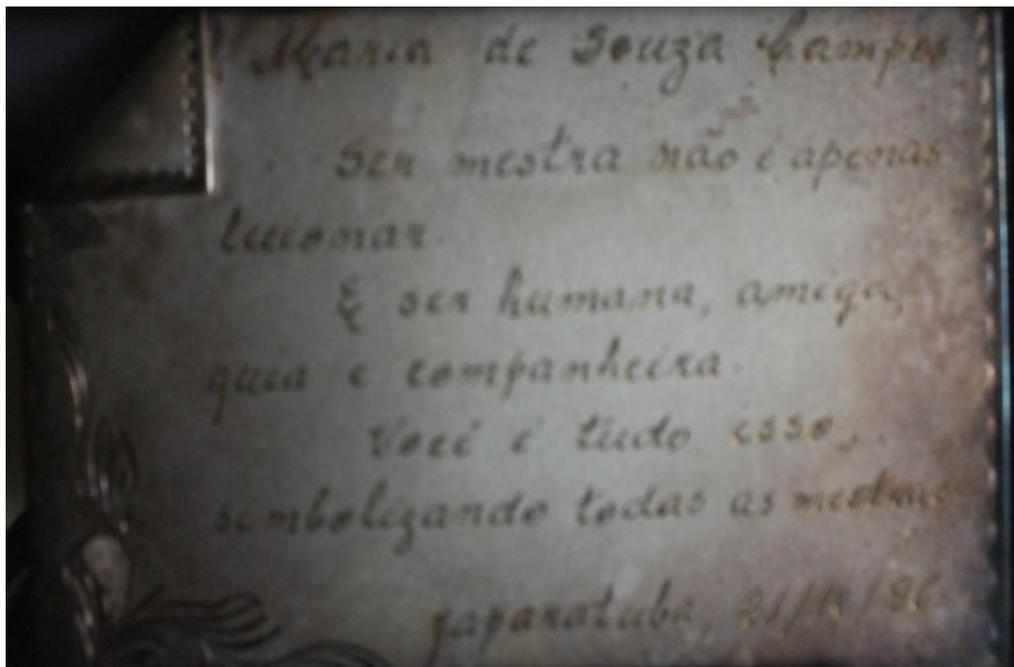


Transcrição: Agradecemos à diretora do Grupo Escolar Municipal Marechal Ademar de Queiroz, Maria de Souza Campos, pela dedicação e compreensão conosco, os estagiários.

Japarutuba, 31-10-1988

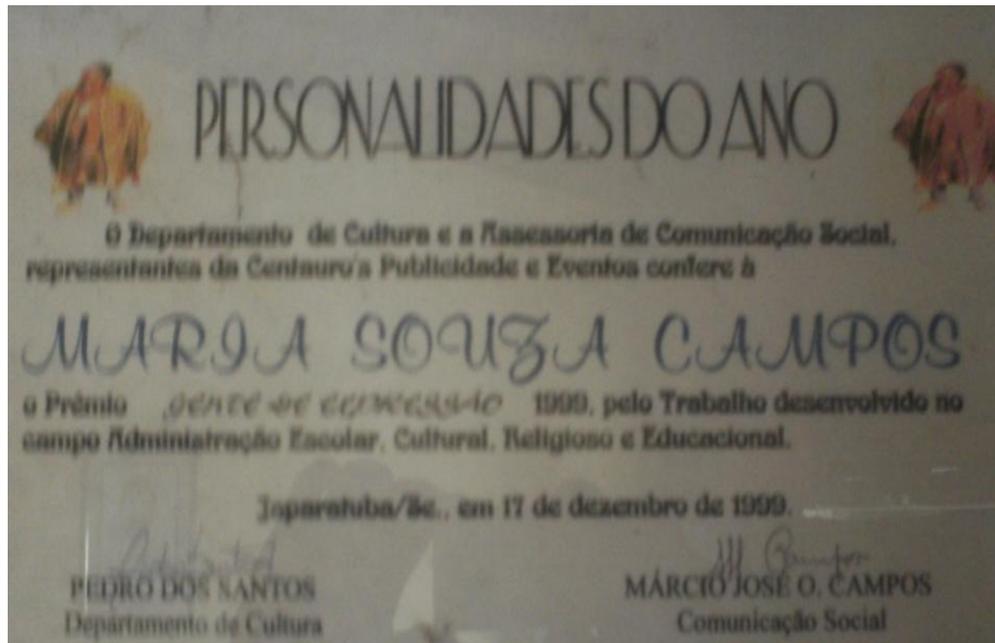
Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos.

IMAGEM 30: Placa de homenagem prestada pelas professoras do Grupo Escolar Municipal marechal Ademar de Queiroz, ano de 1996



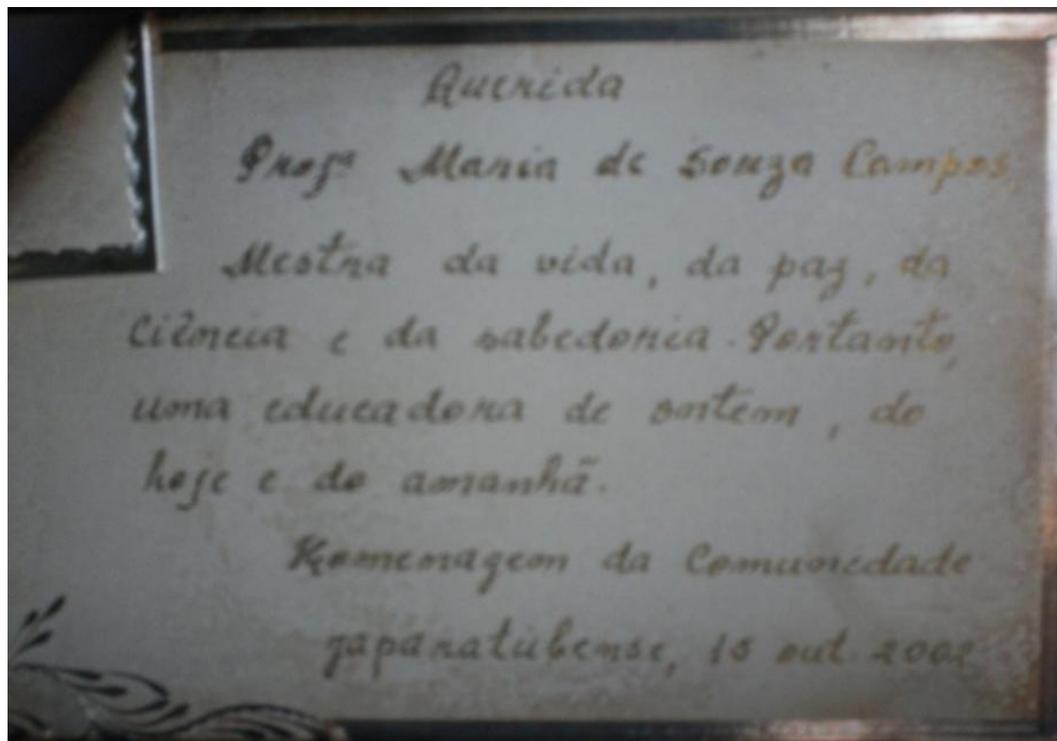
Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos.

IMAGEM 31: Placa de homenagem, 1999, Japaratuba – SE.



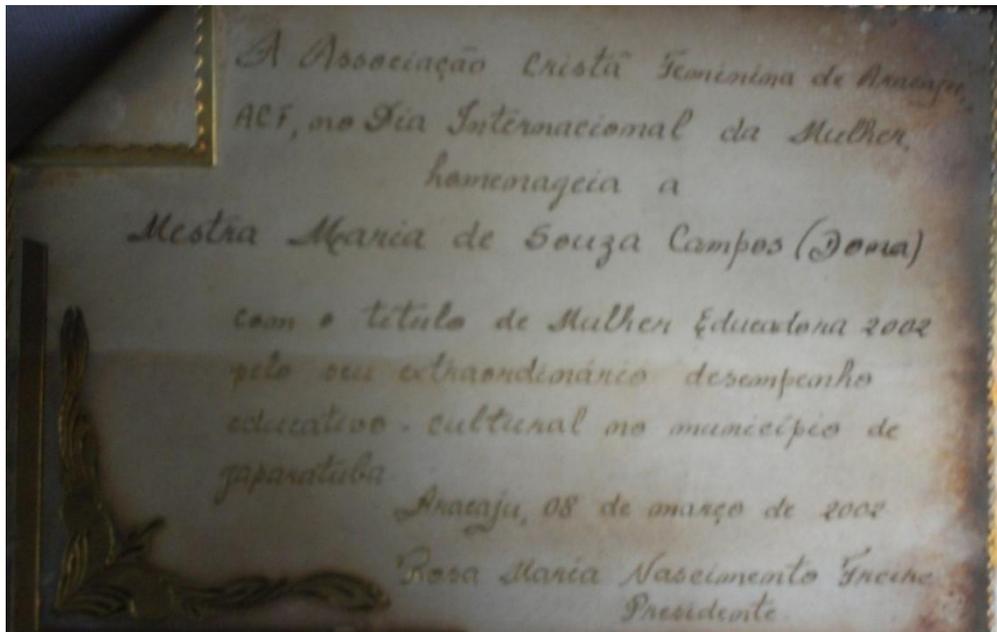
Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos, 17 de dezembro de 1999.

IMAGEM 32: Placa de homenagem feita pela comunidade de Japaratuba, 2001.



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos.

IMAGEM 33: Placa de Homenagem pelo título de Mulher Educadora 2002, dada pela Associação Cristã Feminina de Aracaju. Aracaju – Se.



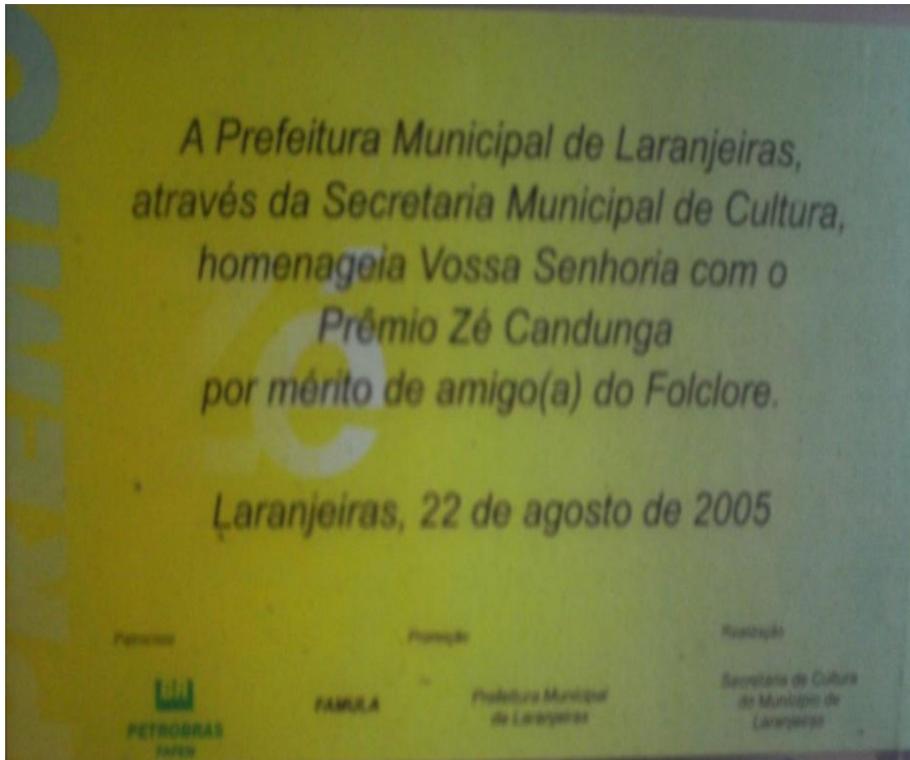
Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos.

IMAGEM 34: Placa de Homenagem no 7º Festival de Poesia Falada, Japarutuba – SE.



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos.

IMAGEM 35: Placa de homenagem pelo prêmio Zé Candunga, dado pela prefeitura Municipal Laranjeiras, 2005.



A professora “Dona” era presença marcante nas manifestações folclóricas de todo o estado de Sergipe, estando presente anualmente nos encontros culturais de Laranjeiras, com o seu grupo folclórico “Maracatu Nação do Pavão Dourado”.

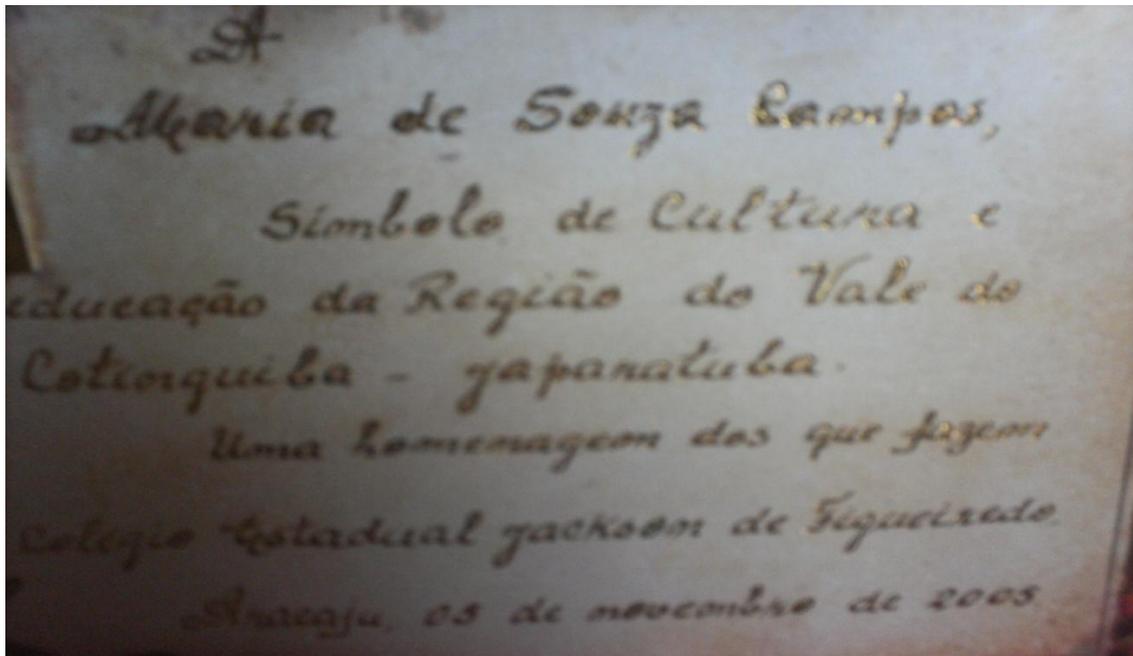
Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos.

IMAGEM 36: Placa dada pela Prefeitura Municipal de Japaratuba, 2005.



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos.

IMAGEM 37: Placa dada pelos alunos do Colégio Estadual Jackson de Figueiredo da cidade de Aracaju – SE, 2005.



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos.

IMAGEM 38: Placa dada pela Prefeitura Municipal de Japaratinga, 2006.



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria de Souza Campos.

HOMENAGENS PÓSTUMAS

No dia 20 de março de 2007, a professora Maria de Souza Campos veio a falecer, acometida por osteoporose. Sobre seus últimos dias de vida a sua sobrinha Regina³⁰ contou que

sua doença progrediu de forma rápida, primeiro ela teve um problema no rosto, quando melhorou, surgiu uma inchação na mão até o braço. Quando melhorou desses problemas, ela sofreu uma queda, que chegou a quebrar o fêmur, daí em diante ela não se recuperou mais, vindo a falecer.

No dia do seu sepultamento, toda a população japatubense se dirigiu à Escola Municipal onde ela trabalhava para prestar as últimas homenagens.

IMAGEM 39: Foto de homenagem póstuma prestada à professora Maria de Souza campos no dia do seu sepultamento, 21 de março de 2007. Japarutuba – SE.



Em destaque, o cantor Japatubense Décio Nunes (violão), ao lado do vereador Municipal Pedro da cultura (Microfone). Ao fundo alunos e funcionário da escola Municipal professora Maria de Souza Campos.

Fonte: Ronaldo Sales, 21 de março de 2007.

Após o seu falecimento, uma forma de homenagem prestada á professora foi a publicação da segunda edição do “Nosso Jornal”, um jornal de circulação municipal, noticiando o acontecido, e enaltecendo a importância da professora para a comunidade, fazendo referência à falta que essa viria a fazer. Foi publicado no Jornal Tribuna do Vale, de circulação intermunicipal, abrangendo toda a região do Vale do Cotinguiba, uma matéria feita pelo jornalista Clodomir Tavares, que cobriu o velório da professora, realizando entrevistas com autoridades e membros da população que estava presente.

³⁰ Entrevista cedida por Regina da Silva Andrade, no dia 29 de outubro de 2010. Japarutuba – SE.

IMAGEM 40: Matéria publicada no jornal Tribuna do Vale, noticiando o falecimento da professora Maria de Souza Campos. 2007. Japarutuba – SE.

JORNAL TRIBUNA DO VALE ANO 4
 ANO IV - Nº 40 - 20 DE MARÇO A 20 DE ABRIL DE 2007 - JAPARATUBA - SERGIPE - O MAIS LIDO DO INTERIOR

Japarutuba não te abandONA

A cidade de Japarutuba parou na tarde da última quarta-feira (21) para prestar sua última homenagem àquela que, com ela leva parte significativa de sua História, Maria de Souza Campos (Dona) foi sepultada no Cemitério Municipal numa manifestação de carinho jamais vista História da cidade, Milhares de pessoas acompanharam o cortejo que teve como ponto macro às homenagens de corpo presente na Igreja Matriz Na sa da Saúde, a saudação dos alunos, professores e comunidade pelas ruas da cidade, grupos folclóricos e bandas de músicas durante todo o percurso. Diversas autoridades, personalidades do universo cultural, da educação, de todas as classes sociais, religiões, etnias e ideologias, "Dona é uma unanimidade", disse o vereador Pedro da Cultura (PPS), "Perdemos nossa eterna professora. Com ela vai uma parte da História de Japarutuba", disse visivelmente emocionada a professora de História Geane Correia dos Santos, "Uma tristeza, A cidade não estava preparada para uma perda irreparável como esta" comentou Ronaldo Sales, dirigente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de Sergipe - Sindijor/SE.

"Realmente Japarutuba perdeu não apenas um ícone, mas um símbolo de luta, de fé, de alegria, de humildade, de amor. DONA é insubstituível, descansa em paz minha querida madrinha", testemunhou o professor Daniel Almeida, "Estudei catecismo na casa dela e ofertei de branco na igreja sob a sua coordenação quando criança", confessou a professora Mariza Ramos que tem posto em prática com exatidão os ensinamentos da mestre.

CENTRO DE CULTURA
 A residência da professora Maria de Souza Campos, no centro de Japarutuba poderá se constituir no Centro Cultural ou Casa de Cultura Maria de Souza Campos, um Memorial em homenagem a mestre de todos os japarutubenses. Ali estão seus arquivos (naturalmente se com a aquiescência da família, a partir do que desejava Dona). O professor e músico Ednei Arnon defende que sim. "É lá que você encontra todos os arquivos pessoais, indumentárias do Maracatu e de outros livros folclóricos. Foi lá onde foi iniciado o Educandário Santa Terezinha. É lá podemos fazer uma viagem sobre a vida da pessoa de maior importância para Japarutuba nos últimos 30 anos", disse na Comunidade dedicada a Dona no Orkut:



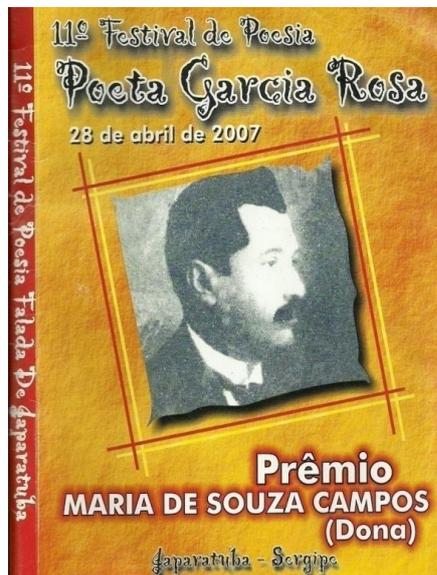
A população de Japarutuba cho
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18745369>. O secretário de comunicação e assuntos parlamentares de Japarutuba, Genilson Rocha defende a idéia. "Estamos dispostos a emplacar essa idéia. Vamos juntar forças e realizar esses sonhos juntos para se tornar realidade", completa.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

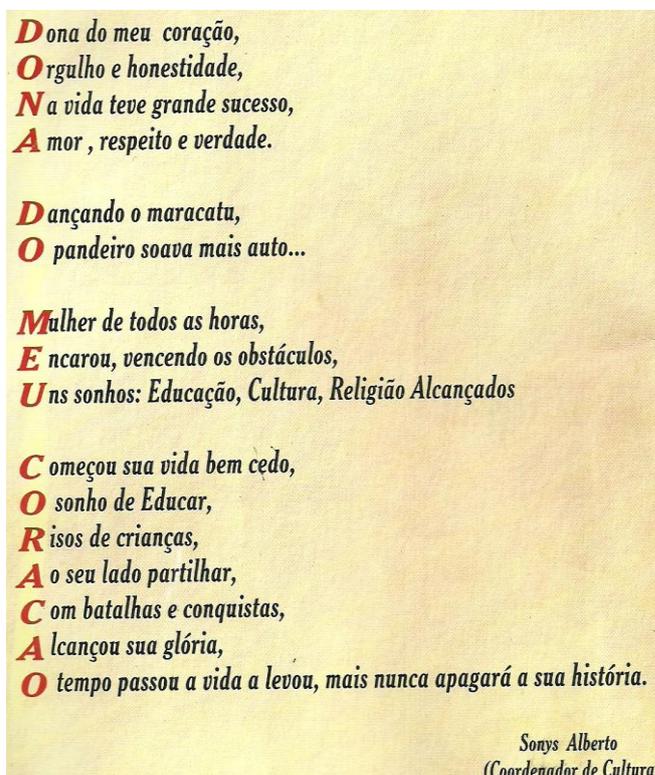
No mês de abril de 2007, na 11ª edição do Festival de Poesia Falada, organizado pela Secretaria Municipal de Cultura da cidade de Japarutuba, foi dado ao prêmio o nome da professora como forma de homenagem. Durante o evento foram apresentadas peças teatrais e apresentações culturais elucidando a memória da professora em questão.

IMAGEM 41: Capa do livreto distribuído no 11º festival de Poesia Falada da cidade de Japarutuba – SE.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

IMAGEM 42: Acróstico apresentado no 11º festival de Poesia falada da cidade de Japaatuba – SE.



O poeta japarutubense Sonys Alberto escreveu um acróstico em homenagem à professora, e o apresentou no referido festival, representando também uma peça teatral de sua autoria como forma de lembrar a professora.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

No ano de 2007, houve, por parte dos integrantes do grupo folclórico fundado pela professora, a tentativa de criar uma associação sócio-cultural independente, com o objetivo de manter viva a sua memória, preservando o grupo folclórico Maracatu, oferecendo informações culturais à comunidade japatubense, além de desenvolver outros tipos de atividades. De início a proposta apresentou alguns frutos, a exemplo da criação de um boletim informativo para divulgar as atividades do grupo, mostrando o objetivo do material.

IMAGEM 43: Capa do 1º número do boletim informativo BIMA. 2007. Japarutuba-SE.

Imprima
GRÁFICA E EDITORA LTDA.
A GRÁFICA OFICIAL
DA SUA ELEIÇÃO
9972-5635 / 9129-3210

BIMA
BOLETIM INFORMATIVO DO MARACATU
ANO I - Nº 1 - MARÇO/ABRIL 2008 - JAPARATUBA - SERGIPE - BRASIL

MAÇÃ DO PAVÃO DOURADO
MARACATU DE DONA

PRIMEIRO PASSO

No mês em que se completa um ano sem a sua Matriarca, o *Maracatu Nação do Pavão Dourado (Maracatu de Dona)*, lança o seu primeiro informativo direcionado à valorizar e divulgar a cultura da nossa terra, pois esse sempre foi o motivo maior da sua existência.

Pautado de uma visão harmoniosa e unificante, o BIMA vem levar a público todo o seu conceito de carinho e respeito para com todos os integrantes do Maracatu, buscando novos horizontes além fronteiras, para com isso enaltecer ainda mais o maior desejo de todos, que é manter acesa essa chama de carinho e respeito por todos.

O BIMA terá uma circulação bimensal, onde buscará mostrar todos os acontecimentos do nosso grupo, sem deixar de agradecer a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuem conosco.

Que todos abracem com carinho essa idéia, pois temos como objetivo maior, valorizar o que é mais importante para todos nós. "A Cultura da Nossa Terra".

Da Redação
PRODUÇÃO INDEPENDENTE

DE BRINCANTE A DAMA-DO-PASSO

Hoje estamos sem DONA, mas DONA está em todos NÓS.
Ela foi e será sempre um exemplo a ser seguido.
Hoje ela está lá em cima, nos abençoando e nos ajudando para que possamos seguir em frente com a sua obra.

Rozemilde

MARACATU DE DONA

CANTE CONOSCO

Ê ê ê Maracatu ê, colônia africana todos venham ver
Ê ê ê Maracatu á, o Pavão Dourado viemos saudar
Ê ê ê Maracatu ê, o Rei e a Rainha todos venham ver
Ê ê ê Maracatu á, São Benedito nós vamos saudar

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Porém tal iniciativa não resultou em êxito, fazendo necessário aqui saber que o boletim informativo trouxe a público apenas duas edições.

As memórias da professora atualmente encontram-se guardadas em sua residência, sob péssimas condições de preservação, sendo que não é feito o devido uso, ou dada a devida importância ao legado deixado por essa professora. A principal contribuição deixada por ela, o grupo folclórico “Maracatu Nação do Pavão Dourado” encerrou as suas apresentações tanto na cidade de Japaratuba como nas cidades onde costumava participar de encontros culturais, hoje restam apenas as roupas abandonadas.

IMAGEM 44: Condições atuais das vestimentas utilizadas pelos componentes do grupo folclórico Maracatu. Japaratuba – SE.



Fonte: Autoria nossa, 19 de outubro de 2010. Japaratba – SE.

No que se refere às contribuições deixadas por essa professora no cenário educacional de Japaratuba, também não se encontrou mais as marcas deixadas por ela, a exemplo das participações nas festas religiosas da cidade. Os materiais pedagógicos utilizados, tanto livros didáticos quanto livros paradidáticos encontram-se sem nenhuma utilização.

IMAGEM 45: Condições atuais de alguns livros didáticos utilizados pela professora Maria de Souza Campos



Fonte: Autoria nossa, 19 de outubro de 2010, Japaratuba – SE.

Após concluir as entrevistas, conseguimos perceber que há por parte dos indivíduos um interesse em trazer novamente à tona a memória dessa professora, principalmente no cenário cultural, mas, efetivamente, nenhuma iniciativa é tomada, e a memória de Maria de Souza Campos a cada dia se perde e/ou se apaga da memória das pessoas da cidade onde ela trabalhou, dedicando a sua vida à educação, cultura e religião.

IMAGEM 46: Contra-capa do folheto do 11º festival de Poesia Falada da cidade de Japarutuba – SE.



Ao lado temos a foto da professora Maria de Souza Campos com seu eterno semblante agradável, tendo ao lado a adaptação da letra de uma música cantada pelo Maracatu.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Diante do exposto, a história de vida da professora Maria de Souza Campos, se constituiu em meio à vida em sociedade, estando ela sempre em constante interação com as pessoas, sendo assim, foi indispensável o papel da população na configuração do papel dessa professora para a educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A diferença entre o possível e
o impossível está na vontade humana
(Louis Pasteur)**

O principal objetivo desse trabalho foi trazer à luz recortes da história de vida e docência da professora Maria de Souza Campos, uma mulher que lutou para exercer a profissão que escolheu, atuando no cenário da História da Educação, vindo a deixar vestígios nessa área.

Após a realização de pesquisas documentais, iconográficas e entrevistas aqui foi apresentada a história de vida de uma mulher a quem a inicial precariedade de condições materiais de trabalho não impediu de trilhar o seu caminho frente ao desejo de ser professora, conseguindo ocupar um lugar de destaque na cidade onde atuou.

A professora Maria de Souza Campos nasceu e conviveu numa sociedade onde a mulher deveria desempenhar o papel de obedecer, mas isso não a intimidou, pois ela conseguiu alcançar a sua individualidade, por meio do trabalho digno e relevante. Tinha uma personalidade marcante e independente, não teve filhos, no entanto, adotou a população japatubense, e a essa dedicou sua vida e seu trabalho. Assim como todo ser humano, ela tinha defeitos e qualidades, pode-se dizer que essas qualidades, porém, sobressaíam-se, fazendo com que sua ausência fosse sentida por todos que a conheceu.

Sempre foi muito responsável e disciplinada, e, acima de tudo, era movida pela vontade de transmitir o conhecimento a todos que a cercava, sem se deixar abalar frente às condições que lhes eram dispensadas. O tempo de vida dessa professora foi dedicado à vida pública, atuando em todas as esferas e camadas sociais, sem distinções de qualquer natureza.

Tendo conquistado o seu espaço no cenário educacional, com base em práticas pedagógicas com ênfase na disciplina e obediência, sendo ela sempre lembrada pelo uso da “palmatória e beliscões” como forma de castigo. A professora contribuiu significativamente também para a cultura da cidade, onde a sua principal influência foi o grupo folclórico

“Maracatu Nação do Pavão Dourado”, que representou o município em diversos encontros e manifestações culturais em todo o estado.

Terminada a pesquisa, com base nos resultados obtidos e aqui exposto, concluo que os objetivos propostos foram alcançados. Apresentei a História de uma mulher batalhadora e capaz de se firmar, de forma independente, seus ideais, trazendo a conhecimento público essa figura exemplar para a cidade de Japaratuba. Enfim, com esse trabalho foi possível destacar a dedicação incansável da professora Maria de Souza Campos de forma a atribuir-lhe a merecida importância e reconhecimento. A partir do uso de memórias tanto escritas quanto imagéticas e orais, foi possível ilustrar uma imagem dessa mulher, nos levando a pensar na real importância do indivíduo para a sociedade na qual está inserido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. 2. Ed. São Paulo: UNESP, 1998 (Prismas).
- ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **Leyda Regis: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe (1904-1999)**. São Cristóvão. Núcleo de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe, 2009.(Dissertação de Mestrado).
- AMORIM, Simone Silveira. **A trajetória de Alfredo Montes (1948-1900): representações da configuração do trabalho docente em Sergipe**. São Cristóvão. Núcleo de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Federal de Sergipe, 2006. (Dissertação de Mestrado).
- BADARÓ, Murilo. **Gustavo Capanema: a revolução na cultura**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BASTOS, M. H. C.; COLLA, A. L. A idealização do professor na representação da docência: retratando mestres. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria – The auto-biographic: theory and practice**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 465-484.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanez (org.) **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 203-233.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A.Querioz, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CHARTIER, Roger. **Á beira da falésia: a história entre incertezas e quietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v.16)
- DANTAS, Orlando Vieira. **A vida patriarcal de Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 217-235
- FISCHER, Beatriz T. Daudt. Ponto e contraponto: harmonias possíveis no trabalho com histórias de vida. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria – The auto-biographic: theory and practice**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 531- 554.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)**. São Cristóvão: FAP-SE, 2003. (coleção educação e história; 3)

_____. **Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX**. Campinas: Faculdade de Educação/ Universidade Estadual de Campinas. 2003. (Tese de Doutorado)

_____. Vestígios da Dra. Laura Amazonas: aspectos da condição feminina em Sergipe. **Caderno UFS**. História da educação. Vol. VI. Fascículo I. 2004. p. 7-18.

LE GOFF, Jacques. História e memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol.1. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994.

_____. **Saint Louis**. Paris: Gallimard, 1996.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **Memória e identidade: travessias de velhos professores**. Maringá: EDUEM, 1998.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia em ação**. Bragança paulista: EDUSF, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINA, Maria Ligia Madureira. **A mulher na história**. s.l. s.e. s.d.

PINSKY, Carla Bassanez (org). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Maria Nely. **Professora Thétis: uma vida**. Aracaju: gráfica Pontual, 1999.

SANTOS, Nivalda Menezes. **O celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX: uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes**. São Cristóvão. Núcleo de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Federal de Sergipe, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95.

SOBRAL, Maria Neide. **Imagens de uma vida: notas biográficas sobre a professora Maria Nely Santos**. Núcleo de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Federal de Sergipe. 2004. (Estudo monográfico)

_____. **História oral da vida camponesa: assentamentos de reforma agrária em Sergipe (da prática social à prática de alfabetização)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-296.

ANEXOS

ANEXO A

Transcrição da entrevista cedida por José Souza Campos, no dia 23 de setembro de 2010. Japaratuba – SE.

Eu tinha, contando com Dona, sete irmãos. Ela era a mais velha de todos. Ela era uma menina danada e agitada, muito da esperta. Lembro que quando a gente era criança, os mais velhos ficava contando umas histórias sobre lampião e os cangaceiros, diziam que ele ia pegar agente se nós fosse bagunceiro, a gente tinha um medo brabo. Aí, teve um dia que o pessoal espalhou que Lampião tava chegando em Capela, nesse dia Dona tava no mato tirando junto com um facão na mão, quando ela ficou sabendo da notícia, ela teve tanto medo que saiu correndo com facão e tudo, e se cortou. O alvoroço foi grande, ela cortou a perna e nem sentiu, só quando chegou em casa mesmo, que viu que tava toda suja de sangue. Foi um corte grande. Aí nossa mãe pegou borra de café e colocou na perna dela que era para parar de sair sangue, e fez lá um remédio com umas plantas pra colocar em cima do corte. Sei que Dona ficou uns dias sem conseguir caminhar, mas não foi pro hospital, ficou em casa mesmo, com minha mãe cuidando. Na escola também ela era danada, mas ela era inteligente, foi nesse tempo que os meninos apelidou ela de Dona, porque ela era muito mandona e gostava de ficar olhando o que os outros estava fazendo pra depois falar coisas. Também, quando apelidou ela de Dona, todo mundo chamava ela assim, ninguém mais queria chamar ela de Maria, só em casa mesmo que a gente chamava. Quando apareceu Francisco, ela se engraçou e veio embora pra Japaratuba, minha mãe chorava muito por causa disso. Mas ela consegui fazer o que queria né, ela gostava de ensinar, de quando era menina ela já dava aula lá em casa, em Capela. Ela fez muito por Japaratuba.

ANEXO B

Transcrição da entrevista cedida por Maria Rosália Silva dos Santos, no dia 24 de setembro de 2010. Japaratuba – SE.

Eu comecei a estudar com Dona quando eu era jovem. Ela dava aula o dia todo. Pessoas estudavam pelo dia e outros que trabalhavam, estudavam a noite. A casa era pequena, mas ficava “cheinha”, que ela botava bancos dentro de casa, ficava cheia de menino. Pela manhã era uma turma, pela tarde era outra turma. Vez que tava cheio que a gente sentava na porta do quarto num banquinho, sentava na porta da cozinha noutro banquinho, quando não tinha lugar pra sentar, cada um trazia seu assento de casa. A gente ia apanhar água pra beber mais ela, por que aqui não tinha água encanada. Ia buscar água num pasto. Lá tinha quatro buraquinhos, ela ficava no buraco, cada um ia com a sua vasilhinha, levava de casa pra ajudar ela, enchia e vinha pra despejar no purrão. Quando eu fui estudar lá já sabia alguma coisa, mas tinha gente que aprendia tudo lá. Estudava também homem que trabalhava pelo dia, estudava a noite, mulher casada. Lá eu arrumei um namorado e noivei e depois me casei, aí passei pra noite. Cada dia que passava chegava mais gente pra ela ensinar. Lá a gente aprendia com ela as primeiras letras e as operações fundamentais de aritmética, bem aprendia também lições de ciências naturais, estudos sociais e, ensino religioso. Ela ensinava reza da igreja, ela foi quem ensinou novena de Santo Antônio aqui, ela costumava rezar também as novenas de São João, São Pedro, São José, Nossa Senhora Santana. A novena de Nossa Senhora Santana a gente ia rezar nos Camarões, fizinho a casa de João Hélio, que era do avô dele, ai quando ele morreu, a esposa dele foi embora pra Santos, e Dona trouxe a novena pra rezar na sua casa. Ela lavava roupa do povo assim mesmo ensinando, depois foi quando ficou muita gente querendo que ela ensinasse aí ela só ensinava. Agora pelo ensino dela ela fazia brincadeira, no educandário que era Santa Terezinha, com a gente, fazia brincadeira de reisado, do pastoril, a gente apresentava no dia de natal, ensinava alguma coisa do natal pros meninos e de noite apresentava na missa. Ela dava castigos, ali não cortou certo por onde ela queria, ela castigava mesmo, deixava de castigo e ai daquele que saísse do lugar. Todo mundo respeitava ela, todo mundo gostava dela, ela também respeitava todo mundo. O castigo dela quando não era em pé, fique aí, era sentado, e se nenhuma dessas duas coisas ela quisesse fazer ela pegava, abria o livro e dizia “olhe, esse capítulo dessa lição você vai me dar ela amanhã na hora que chegar aqui, na chegada, aqui na entrada da porta, certinho correto, não obedeceu é o castigo que estou le dando”, ela dizia isso num dia e quando era no outro dia ela tava ali, sentada na cadeira esperando, era lição de tabuada, ou pra dar a lição de co, e só passava pra dentro de casa quando fizesse o que ela disse, e tinha também a palmatória que ela usava. A importância dela foi muito grande, depois que Dona foi, aqui tá um buraco, parece que a cidade afundou, ninguém vê mais nada de engraçado aqui.

ANEXO C

Transcrição da entrevista cedida por Maria Pereira dos Santos, no dia 27 de outubro de 2010.

Japaratuba – SE.

Quando eu cheguei aqui, Dona ensinava em sua casa. Depois, o doutor Moacir iniciou a construção de uma escola, depois passou para o doutor Afonso terminar a escola. Eu trabalhava na merenda escolar. Aí depois que a escola foi terminada, o prefeito, seu Afonso, veio e me disse: E agora Maria como é que a gente vai conseguir uma pessoa? Eu respondi “Dona”, daí ele disse: vá convidar por que “Dona” é assim mesmo apinhada, não fala nada. Quando eu fui ela me respondeu: Deus me livre, eu, com meus meninos de chinelo, de tamanco, não vai não. Tem menino que vai até estudar descalço. Naquela época, bem se via que ela tinha gosto de ensinar. Ai eu disse: “Dona”, mais lá ninguém vai olhar os pés do menino não, pense, vai perder essa oportunidade? Ela chorou, viu! Ai eu disse, tem uma pessoa que vai fazer você ir “Dona”, e ela disse que não tinha ninguém, nem Franço nem ninguém ia fazer ela ir. Aí eu fui falar com o doutor Moacir, que tava sendo chefe do hospital: Doutor Moacir deixe eu dizer uma coisa, o senhor Afonso convidou a sua conhecida “Dona” para levar a escola dela lá para o grupo, e ela não quer não. Ele disse: O quê, ela não quer? Aí o doutor Moacir foi falar com ela, ela chorou, sapateou, disse que os alunos dela não iam. E o doutor Moacir disse: a senhora vai aceitar sim. O doutor Moacir me disse: acerte um dia pra gente ir lá. Aí a gente foi lá na casa dela. Quando chegou lá ele perguntou: meninos vocês querem bem a “Dona”? Vocês querem estudar num lugar grande? Tem cadeira, tem uma cozinha pra fazer lanche. Aí os meninos disseram: queremos!, Ela por trás fazia: menino, menino se cale. Sempre tem um mais adiantado, que falou: e onde é doutor? Aí o doutor pediu permissão pra ir lá visitar com os meninos. “Dona” assim, meio sem graça, disse que não pôde dizer não a Doutor Moacir, e foram lá conhecer o grupo. Quando chegou lá “Dona” me perguntou: e como ia pra aquele lugar bonito? Que às vezes ela ia ensinar de chinelo ou descalça lá dentro de casa. Ai lhe respondi: calça o sapato “Dona”, vamos! Aí eu sei que “Dona” aceitou ser diretora do grupo. E lá ficou até Deus levar. Entrava um prefeito e saia outro e sempre dizia, faça tudo mas não mecha com Dona, aquela escola só é boa com Dona. Ela se aposentou e mesmo assim continuou lá. Teve um prefeito que queria tirar ela, dizendo que ela não conseguia mais acompanhar as coisas, mais aí disse, coloque professores bons que a ajudem, mas não tire ela de lá. Fora da escola, quando Maria de Souza Campos estava em casa em seu mínimo tempo de descanso, chegavam pessoas para que ela rezasse de mau olhado, engasgo, erisipela, pancada. Havia ainda, pessoas que a procuravam também para batizar recém-nascido, e foi essa prática que levou a professora a ser chamada de “madrinha” por uma pequena parte da população da cidade de Japaratuba. Ela foi presidente do Clube de mães jovens e infantes, que hoje eu sou a presidente. Ela foi escolhida na época, porque a gente achou que ela era quem mais conhecia as mães da cidade porque era diretora de uma escola. Ela sempre trabalho junto co a comunidade, em todos os lugares Dona estava, e levava os alunos juntos. Ela faz muita falta hoje.

ANEXO D

Transcrição da entrevista cedida por João Vieira Matos, no dia 29 de outubro de 2010. Capela - SE.

Comecei a estudar com dona Maria de Souza Campos no dia 23 de agosto de 1933. Na rua de São Pedro em Capela. Pagava a mensalidade de 10 tostões. Mais ou menos éramos 30 alunos. O estudo era da seguinte forma: tinha uma regra e uma palmatória para os desobedientes e os que não gostavam de estudar. O ABC era escrito na parede, as letras maiúsculas e as minúsculas. Ela vinha e ensinava a gente a, b, c, d; de um lado, as letras maiúsculas e as minúsculas do outro. Antigamente, o estudo tinha o caderno de caligrafia próprio, então você já aprendia da maiúscula para a minúscula. Dia de sábado tinha um argumento de tabuada, o aluno que acertava dava um bolo no que errava. Quando desobedeciam ela, no primeiro dia era dispensada a lição, já no segundo dia a palmatória era quem resolvia. Saí da escola tempos depois, porque ela casou e mudou de cidade. Todos os alunos gostavam dela, professora da marca da professora Dona não vai ter mais não. Os pais da gente chegava pra ela e dizia “Cumade aí está ele, desse portão pra dentro é com a senhora”, nem se importava com o que ela fazia, da porta pra dentro ela quem mandava e dava as ordens. Com ela não tinha enrolação, todos tinham que se dedicar aos estudos e aprender direitinho. Ela gostava muito de poesia e sempre dava alguma pra gente aprender.

ANEXO E

Transcrição da entrevista cedida por Maria Norma do Espírito Santo, no dia 27 de outubro de 2010. Japaratuba – SE.

Na nossa época a educação exigia muita disciplina, na década de 70 tinha até sargentos supervisionando as escolas. Tinham muitas regras para os alunos seguirem, os alunos ao entrar, cumprimentavam os professores e iam aos seus lugares. Os alunos que faziam o dever de casa iam apresentar ao professor e depois iam fazer o da escola. Sempre foi primeiro a aritmética, cada aluno ia ao quadro, a professora dizia os números, ou somar, diminuir, ou as outras, os alunos faziam a conta no quadro. Quando era de terça a quinta, primeiro tinha ensaio de cantos, hinos patrióticos, depois era o dever. Eles respeitavam, quando tinha a necessidade de ir ao banheiro tinha uma pedrinha que eles levavam. Tinha o recreio, eles iam merendar, depois voltavam a tomavam seu lugar, aí tinha a leitura ou ditado, ou eles iam produzir. Sete de Setembro tinha o ensaio das marchas. Era no campo, então ia a escola marchando e o sargento ia olhando os alunos marchando. As crianças em sete de setembro recitavam. Recitavam bem. O ensino era rígido, os meninos apanhavam, eu mesma batia nas nádegas dos meus alunos. Nos desfiles cívicos eram os sargentos que organizava tudo, a escola que ia na frente, o que a escola ia mostrar para a comunidade. Dona sempre trazia apresentações sobre os vultos históricos, ela gostava muito dessas coisas. Ela foi uma pessoa que se dedicou mesmo à educação da cidade, e a cultura também, sempre levava seus alunos junto.

ANEXO F

Transcrição da entrevista cedida por Jeorge da Cruz Ramos, no dia 19 de outubro de 2010.
Japaratuba – SE.

O ensino de Dona era bom, ela fazia com que a gente aprendesse bem, hoje eu dou graças a Deus por ter estudado com ela, as coisas que eu sei. Ela gostava muito de dar castigo, ninguém gostava né, mas pelo menos aprendia assim. Hoje você não vê mais isso, antigamente era melhor, porque tinha mais comportamento, hoje os meninos pinta e borda e nem quer obedecer ninguém. Eu me aproximei mais de Dona quando ela me convidou pra dançar no Maracatu, no começo eu achei assim, besteira, mas os meus colegas fora, aí eu fui também, daí gostei, foi passando o tempo e eu ia mudando de posição no grupo, comecei como arqueiro, depois fui subindo, passei pra embaixador e depois pra rei, e continuei como rei até o dia que Deus levou ela. Sempre goste do maracatu, e nunca ia deixar de apresentar, sempre que ela dizia eu tava lá, tudo era comigo também porque eu tava desde o começo do maracatu. Todo mundo gostava, e daí, eu no começo não gostava porque tinha vergonha, mas hoje eu sinto falta, porque o maracatu parou. O maracatu era sempre aquele ânimo, ela animava todo mundo, a gente ia não pra viajar, ou ganhar dinheiro, ia mesmo porque gostava. Ela sempre perguntava se agente queria ir se apresentar, sempre se preocupava com a gente, se dava pra ir se apresentar. Ela sempre com aquele alvoroço dela. Hoje mesmo, se ela tivesse vivo, a maioria ainda estaria junto com ela no maracatu, mesmo já pai e mãe de família. Hoje o maracatu está esquecido. A gente que somos antigos, que sabemos do gosto de Dona pelo maracatu não podemos deixar morrer assim, temos que fazer alguma coisa para continuar o trabalho dela, mas infelizmente hoje só pensa em dinheiro. Quando eu estudava na escola de Dona, os alunos faziam tudo direitinho na escola, de quando entrava até a hora da saída, tinha castigo mais a gente aprendia. Alguns alunos eram ousados outros eram preguiçosos, mas, quando ficava nos corredores da escola, quando alguém dizia “Lá vem Dona”, todos saiam correndo, já sabia que ela vinha com uma palmatória na mão para punir os ‘bagunceiros”. Ela também gostava de dar beliscões na gente. Quando ia cantar os hinos ela ficava prestando atenção, se ela visse que a gente não tava cantando ela chegava de mansinho e beliscava. A educação dela era bem rígida mesmo, ela não alisava. Mesmo assim a gente gostava dela, porque ela era uma pessoa que vivia sempre alegre. Ela foi uma pessoa na parte da educação ela foi uma pessoa ótima, na parte da cultura também, deu muita influência, trabalhou muito na cultura. E hoje era bom assim, que todo mundo parasse pra fazer pela cultura, o que ela se dedicava, fazer com que o maracatu não acabasse.

ANEXO G

Transcrição da entrevista cedida por Maria Carmélia Santos Vasconcelos, em 08 de outubro de 2010. Japaratuba – SE.

Comecei a trabalhar com Dona em 1982, como professora, ficamos amigas de trabalho, porque eu sempre a acompanhava nas suas atividades. Ela era uma pessoa bastante disciplinada, não gostava de mudanças, e sempre foi uma professora bastante conservadora. Com relação aos livros didáticos, no Grupo Escolar Marechal Ademar de Queiroz ela adotava os livros que vinham da secretaria, e os professores da escola trabalhavam se guiando por ele. Porém, no Educandário Santa Terezinha, que era ela quem mandava, ela não abandonava os velhos livros. Ela sempre gostou muito da educação tradicional, dos velhos livros, do ensino rígido mesmo. Não gostava de muitos rodeios, ela sempre queria tudo do jeito dela, os professores que trabalhavam na escola tinha que acompanhar o ritmo. Ela exigia dos professores a participação em todas as atividades desenvolvidas na escola, tinha que organizar comemorações para as mais importantes datas comemorativas, e ela gostava de participar ativamente de todas as atividades que eram desenvolvidas na escola estando sempre supervisionando o desempenho de todos. Não tinha uma festa que ela não estivesse presente, ou organizasse uma comemoração, mesmo pequena, mas ela queria sempre incentivar os alunos a participar. Fora da escola era o maracatu, ela se dedicava muito a esse grupo, pessoalmente lava as roupas, passava, ela gostava muito desse grupo. A vida dela era a escola e o maracatu.

ANEXO H

Transcrição da entrevista cedida por Gilberto Santos. Em 24 de outubro de 2010. Japaratuba – SE.

Dona tinha uma educação muito boa, e dava muita instrução a gente. Lembro que quando eu estudava na escola de Dona, pelo menos um dia na semana os alunos tinham que ir à quadra da escola para cantar algum hino patriótico. Quando chegava a semana da pátria, havia os ensaios na escola, os alunos iam para a quadra para hastear a bandeira e lá cantavam os hinos da Independência e o Nacional. Quando era de tarde “Dona” fazia o descerramento da bandeira como uma patriota que sempre finalizava esse momento dizendo: “Sem ordem não pode haver progresso...” Nesse momento em que cantava o hino ficava numa posição específica, bem ereta, a cabeça erguida e com os pés entreabertos que ela fazia questão de salientar que aquela era a posição ideal para mostrar o verdadeiro respeito pela nossa bandeira. Ela ficava olhando para os alunos, pra ver se estavam todos cantando, se não estivesse atento ela vinha dar carão, beliscava. Todo mundo tinha que se comportar na escola, era dura, não tinha pena, seja menino ou menina, ela castigava mesmo, botava na secretaria e ficava lá, passava lição pra copiar, pra dar leitura. Uma vez fiquei de castigo e ela me deu uma poesia para decorar e dizer a ela no outro dia, cheguei em casa fui estudar, eu tinha um medo de Dona, não ia vacilar, aí quando foi no outro dia ela tava no portão, quando eu passei ela já foi dizendo “vá para a secretaria e fique lá”, depois ela chegou e já foi me pedindo a poesia. Ela era assim, não tinha desculpa, quando ela pedia alguma coisa. Mas eu gostava dela, assim mesmo. Ela era uma professora boa, só queria que a gente respeitasse ela e se comportasse na escola.

ANEXO I

Transcrição da entrevista cedida por Geosmária Ramos. Em 19 de outubro de 2010. Japaratuba – SE.

O que eu lembro melhor da época de Dona são as aulas de religião, Todas as manhãs, quando a gente chegava na “Escola de Dona”, sentava no pátio e esperava dar oito horas, que era a hora de fechar o portão. Quando ela fechava o portão, vinha falar com a gente, rezava a oração da manhã todos juntos. Tinha dias que a gente rezava o Pai Nosso, ou Ave Maria, todos os dias a gente tinha que rezar. Na parede tinha um quadro onde “Dona” escrevia uma reza, um canto, ou alguma coisa sobre a igreja para a gente copiar no caderno. Todos tinham que fazer porque na hora da saída ela se sentava numa cadeira no portão e olhava o caderno de um por um pra ver se a gente tinha copiado tudo. Quem copiava podia ir embora, e aqueles que não tinham feito ou não tinham terminado sentava no chão de novo e ia copiar. “Dona” não deixava sair sem ter feito o dever de religião. Quando eu fui estudar a tarde era a mesma coisa, rezava do mesmo jeito. O engraçado é que ninguém apagava o quadro, o dever ficava lá escrito o dia todinho. Ela também tinha gosto pelos hinos da pátria, até hoje sei alguns por causa da escola dela, ela ensinava a gente a sempre respeitar a pátria. E sempre estava de sala em sala falando com a gente. Participei do maracatu junto com Dona, e via a sua dedicação, ela gostava de ver os alunos participando do folclore da cidade, e sempre incentivava, o maracatu e a quadrilha. Ela foi muito importante para a cidade, porque muita gente começou a dar mais valor a cultura. Ela dava castigo na gente, mas isso também ajudava a gente a se comportar e aprender mais.

ANEXO J

Transcrição da entrevista cedida por Marcos Antônio da Silva. Dia 03 de outubro de 2010. Japaratuba – SE.

Estudei na escola de Dona, sempre participava das apresentações da escola, ela me chamava. Depois que saí da escola ainda participava do maracatu. Teve um tempo que ela pensou em fazer uma quadrilha e me chamou perguntando se eu queria ensaiar os meninos, aceitei, e ela marcou reunião com os meninos da escola que queriam participar. Quando cheguei lá tinha um monte de criança todas para participar da quadrilha, fiquei pensando como eu ia fazer pra ensaiar tanta gente. Como foi grande o número de alunos para participar da quadrilha, ela dividiu a turma em dois grupos, criando duas quadrilhas, a “Asa Branca” para os alunos maiores e a quadrilha “Chuva de Prata” para os menores. A quadrilha junina “Asa Branca” ganhou uma proporção maior que o esperado, vindo a representar o município em vários concursos juninos que aconteciam no interior do estado. Enquanto que a quadrilha Chuva de prata fazia apenas apresentações na escola e na cidade de Japaratuba. Fui marcador das duas quadrilhas, gostava das viagens, era divertido, mas dava muito trabalho, mas era bom porque Dona sempre tava por perto pra botar ordem, ela ficava olhando tudo, brigava com os bagunceiros, mandava dançar direito. No maracatu também ela mandava em tudo, lá era só ela que mandava, lá ela gritava com os meninos, gostava de ver tudo certinho, todo mundo que participava já sabia que tinha que ficar queiro se não ela beliscava mesmo, mas no fundo ela gostava da gente, todo mundo via que ela ficava feliz quando a gente ia dançar nos lugares. Ela faz muita falta pra cidade, não tem mais festa como antes, ela animava tudo.

ANEXO K

Transcrição da entrevista cedida por José dos Santos. Em 24 de outubro de 2010. Japaratuba – SE.

Sou pedreiro, e conheci Dona quando ia trabalhar na casa dela. Ela sempre me chamava, mas também tinha outros colegas que ela também confiava para trabalhar na sua casa. Também ia fazer alguns serviços no grupo de Dona. Ela que organizava as missas da sexta-feira da paixão, aí teve um dia que ela chamou eu e outros homens para participar da missa representando a paixão de cristo, e o lava pé, a gente aceitou né, porque gostava dela, aí a gente foi se apresentar na igreja e na procissão. Depois da primeira vez, Quando era na sexta-feira, nos ia para o grupo de Dona, eram uns 12 homens, todos amigos e conhecidos de Dona. Ela guardava lá na escola as roupas da gente, só precisava a gente levar o sapato, por que lá já tinha tudo. Já era certo quem ia participar. Quando dava umas três horas da tarde, a gente vestia a roupa de soldado e ia pra igreja pra ia acompanhar a procissão, parando em cada estação da paixão de Cristo, tinha um grito de guerra quando acabava se apresentar uma estação, todos os soldados gritavam: CRUCIFIXO, e seguia a procissão. No sábado de Aleluia, dia do Lava pés, Dona de novo me chamava, junto com mais 11 colegas para representar os discípulos que estavam na última ceia com Jesus, agente vestia um lençol que Dona levava, amarrava na cabeça, e ia pra missa. Ficava lá esperando a hora do Padre vim lavar nossos pés, ele depois dava um pão e uma moeda embrulhada. Sempre participava dessas apresentações, agora nem sei mais como é que tá a missa do lava pé, só sei que na procissão de sexta-feira da paixão não tem mais nada de apresentação.

ANEXO L

Transcrição da entrevista cedida por José Plínio do Espírito Santo, maestro e regente do Coral Imaculada Conceição. Em 27 de outubro de 2010. Japaratuba – SE.

Convivi com a professora Maria de Souza Campos por muito tempo, pude ver o seu gosto pela cultura da cidade de Japaratuba, e o trabalho que ela realizou. Tive grande prazer quando ela veio participar do Coral Imaculada Conceição, ela era uma pessoa muito alegre e participava das aulas de canto com gosto. Sou maestro e conheço quando alguém gosta de música. Via em Dona a alegria principalmente quando tava aprendendo músicas em latim. É muito bonito mesmo, cantar essas músicas, e todos gostavam, mas Dona se destacava, e quando a gente ia ensaiar ela sempre ficava pedindo pelo menos uma música em latim. Ela gostava da cultura, sempre tava participando de alguma festa junto com seus alunos, não sei como ela arranjava tempo, mas ela participava.